

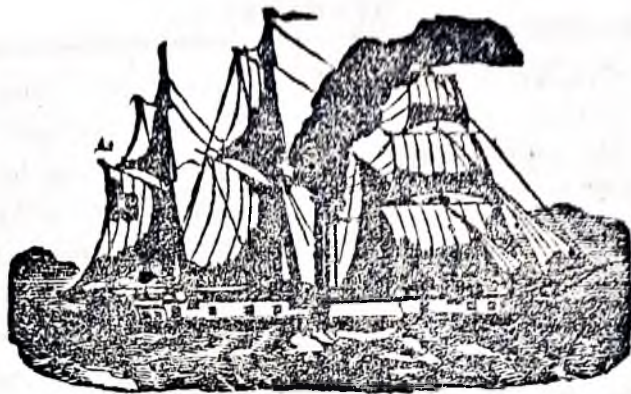


O

ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.^a

BAHIA 2 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 129

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 11
a 15 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

. Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de outubro de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado da Conceição da Praia, pedindo-lhe que mande trancafiar na Correcção uma mulher conhecida por Mariquinhas do Marinho, a qual é origem de innumerables desordens, naquella freguezia e ainda na noite de 29 em companhia de um soldado de cavallaria conhecido por Paulista, pôz a rua das Grades de Ferro, em estado de anarchia.

—Ao Sr. subdelegado da Sè, pedindo-lhe energicas providencias contra os grupos de desordeiros que infestam essa freguezia nas noites de sabbado, principalmente da rua Direita de Palacio até o Terreiro, provocando desordens, apupando quem pacificamente passa, e quebrando janellas; sendo que neste ultimo sabbado, como pôde S. S. informar-se dos moradores das ruas da Misericordia e Atraz da Sè, o escandalo tomou proporções gigantescas, sendo a causa unica de tudo isto as muitas casas de *mocotó a meia noite*, as quaes, a continuarem, darão em resultado algum caso lamentavel.

Portaria ao guarda marinha pedestre Gui-

lherme, ordenando-lhe que vá ao largo de S. Pedro Velho acompanhado por quatro guardas policiaes, para agarrar uma sucia de meninos vadios que alli se ajuntam a insultar a quem passa e a jogar pedradas, e os remetta ao Sr. Dr. chefe de policia, afim de que elles tenham o convepiente destino. Compra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Alguns officiaes de justiça, representando contra o procedimento de diversos procuradores do fóro, que recebem o dinheiro das partes, deitam-o no peito, e se negam a pagar o trabalho daquelles.—Especifiquem os nomes para se dar as providencias.

—Que motim é aquelle defronte da guarda da Ribeira?

—E' um cadete-sargento do 9.º batalhão, e o soldado do 10.º Manoel Gomes Ventanilha, que estão a espancar a um tal Leopoldo em casa de uma meretriz de nome *Pasquinha*.

—Admira que estando a tropa estas noites de promptidão nos quartéis, estejam aquellas praças alli a dar pancadas.

—O soldado está de guarda na Ribeira.

—Porque não vão chamar o subdelegado para dar providencias?

—Já foram. Mas dizem que elle respondeu que estava *incomodado*, e que si o homem morresse tratassem de o interrar, o que eu não acredito.

—E' impossivel!

—Agora foram chamar o Dr. delegado, que diligente e energico como é, não pode tardar.



Filho de peixe é peixinho.

O que prega este padre immoral?
Elle canta porém não entôa....
Sempre mostra que é filho de padre,
Padre Amaro que não tem corôa.

Tem quigilla co'a *imprensa miuda*
O maluco, da *imprensa histrião*,
E por isso ao *Alabama* que odeia
Fulminou a tenaz maldição.

Alabama, porém, *Tempestade*,
A *Catana* co'a *Critica e Gaz*;
Certos gazes que estouram por baixo
Stão saltando p'ra o *lindo* rapaz.

Esquecido não fique o athleta
Dessa *imprensa*, o Sr. *Patriota*,
Que *borrara de verde* o padreco
Im noral, impudico *iliota*.

Ora vá, pregoeiro de borra,
Para a escola aprender a lição;
Pois quem lava a cabeça de asno
Perde o tempo, o trabalho, o sabão.

—C'hai o está aquelle sujeito emborra-
chado!

—E onde vê é um official do exercito.

—Quem lhe disse? Si fosse militar esta-
va fardado, e não de palitot.

—Elle é quem o diz.

Sabio à *deboche*. Esteve se recreando
em casa da *Pão com manteiga*, onde o mu-
ito calor que soffria na *cabeça*, fez com que
elle fosse tomar um pouco de ar naquelle
porta, e ao fresco da brisa adormeceu.
Aquelles dous inportunos soldados de po-
licia intenderam que deviam *despertar* o
homem do placido somno em que estava
e elle pagou-lhes essa insolencia com uma
boa dose de bengaladas.

—Então a patrulha apanhou?

—E muito.

—Que miserio!

—Mas si o homem embravecido estava
a bradar como um possesso que era um
alferes! Os soldados tiveram escrupulo de
prender seu auperior, e por isso apanha-
ram.

—E o que tem si o s'io homem estava
ebrio e a proferir palavras immoralissimas?
e depois não estava fardado....

—Mas os soldados tomaram brio, vieram
segunda vez, deram voz de prisão ao su-
jeito, e remuneraram-lhe as bengaladas com
boas espadefradas.

—Mas não o levaram preso, tanto que
elle ainda está a vociferar.

—Porque vieram soldados de linha que
a isso se opposeram, e dous não podens
resistir a tantos.

—Quem é o tal alferes?

—Não sei, dizem que elle é um *heroe*,
que tem feitos a allegaros quees muito o re-
commendam á moralidade publica.

—A que batalhão pertence?

—Elle disse que era do 10.º, mas eu
não juro, mesmo por que o homem não
está em seu juizo.

—Como está a freguezia da Sé anar-
chica!

—Na rua das Campellas garrafadas e
cacetadas. Na Rua Direita do Collegio gri-
tos de el-rei, hofetadas, gritarias e o diabo.
Atraz da Sé e Rua Direita da Misericordia
immoralidades, insultos, pedradas e desa-
foros.

—Não vê que é noite de sabbado?

—Ah é verdade!

—Novidade no systema planetario.
Dous eclipses a um tempo!
—Ainda sempre o Sr. a descobrir *uma*
de pau.

—E o Sr. parece-me que tem pancada
na holla.

—Por que diz isto?

—Porque descubro sempre no Sr. *uma*
vontade d'ouvir-me.

—O Sr. parece-me que está soffrendo
das hemorrhoidas...

—E o Sr. das algibeiras. Quer brigar?..

—Não; com tanto que o Sr. me
traga a *realidade* dos assignantes do Ala-
bama,—é tempo de festa, e a rapaseada
quer diubeiro para o Natal, e Bomfim etc.

Vamos a eclipses, quero ouvir o.

—Um eclipse anunciado pelos astro-
logos, mathematicos e petalogicos—é do
sol.

—Ora isso é mais velho do que a serra
do Apotà.

O outro?

—Eclipse theatral.

—Homem, vão representar ás escuras
os artistas do theatro S. João?

—Não é por elles.

—Então é o governo?

—Qual! o governo vê-se *atrapalhado*
com os eclipses do gaz nas ruas, quanto
mais no theatro.

—O Sr. é todo *mysterioso*, suba o panno
e apresente o espectáculo em *scena*.

—Um dos partidos, não sei qual delles,
dizem, se prepara a fechar o registro do gaz,
e apagar as luzes do theatro.

—Bom; porque quem tiver sua namora-
da aproveita a quadra do eclipse para dar-
lhe uma beijoca.

—Fui no domingo ouvir a missa das 11
na Misericordia, e encontrei o sacristão
de vassoura na mão varrendo a igreja, e
um velho a gritar com elle.

—Emburrancias do Borges.

—Então os sacristães é que varrem a-
gora a igreja? Que fazem os africanos li-
vres escravos da nação?

—Não sabe que emanciparam-te?

—Bem bello! Passam os sacristães a
substituí-los!

Quadros para a historia natural



Uma rapoza que devora os frangos de um gulinheiro episcopal.

—Ouviu fallar a'um negocio de contra-
bando?

—Não. Conte-me isso.

—Um caso bem *simples*.

—Alto lá! quando fallar em *simples*, muito
cuidado, não quero que o Sr. Sete Simples
entenda que é com elle, e se agrave; depois
não estcu para andar na carreira.

Olhe o Gravata.

—Qual gravata! Si arrependimento salvasse,
elle estava salvo,

Mas como ia dizendo, um honrado homem,
levava no bolso alguns brilhantes que esque-
ceu-se de despachal-os e pagar os direitos com
o que vinha perder a fazenda uma bagatella. Al-
guns rabugentos intenderam que deviam fazer
daquillo cavallo de batalha, e intornaram o caldo!

—Nao quer dizer nada!

—Que faz tanto povo apinhado alli nas Por-
tas do Carmo?

—E' a audiencia do juiz especial do com-
mercio.

Corre alli em praça uma pobre rapariga es-
crava, para liberdade da qual deu a mãe da
mesma 1\$ rs. sobre a avaliação. Mas dizem
que o Sr. Calombreiro pertinaz em captival-a
já lançou 100\$ rs. mais sobre o preço porque
foi avaliada.

—Está no seu direito, o Sr. Calombreiro,

—Pode fazer até mais.

—O theatro transformou-se em *Hospício* de Pedro 2.^o, vai cada vez a *melhor*.

—O Sr. agora havia de dar para *chro-nista* de theatros! anda a machuc-me com Leolindas, e Manueles, *cuide* em outra vida, meu choro, quanto a theatros temos conversado.

—Ouça sempre:

O espectáculo de s'bbado esteve *divertido*, muito *divertido*, e *divertidissimo*; quatro comedias d'um acto, intervallos mui bem *preechidos*, muita algazarra, traques de massa, bombas, paschins, *refes e refudas ricas e morras* e palmas a granel.

Uma pequena ainda principiante, que representou na comedia—Zuavos—teve ovações freneticas—nem Emilia das Neves a ganharia nos applausos!!

—Mas não quiz agradecer, diz ella, por que as *palmas* estão mui baratas no mercado theatral.

—Acho-lhe rasão de sobra—tussa quem tem carapuça; adiante.

—O partido Leolindista tocou ao apogeu de seu *exaltamento*; na noite de 29 fizeram *limpa* nas platéas e despeitado como es'á, dizem, tencionava dar uma patcada tremenda na Manuela, no *Phantasma Branco*, atirar-lhe em scena traques de massa, capellas de capim, paschins, e afinal achou-se *em branco*.

—Como?

—O empresario que *encherga* longo, trocou as bolas, mudou o espectáculo e a Manuela ficou com parte de doente no quartel da saude.

O resultado de tudo isso foi que os Leolindistas *furiosos* depois de rascarem muito e estovarem tudo com leituras de jornaes e vaías desrespeitandoas authoridades, e perturbando o socego das familias que lá se achavam, e retiraram em *debandada*.

—E o que fez o partido Manuelista?

—O Sr. parece-me que é Leolindista, principia já ridicularisando os Manuelistas.

—Quem lhe disse! foi um lapso de lingua, a pequena eclipse de um —u— nada mais.

Eu n'eter-me nestas criangadas e patifarias seria bonito! prosiga Sr.

—Os Manuelistas ficaram no seu posto: arrotaram muita valentia muita *basofia*, muito *burulho* de lingua; ao depois se despicaram em applaudir—aos artistas que representavam.

Findo o espectáculo se estenderam em linha de batalha, e se dirigiram em *marche-marche* para Birra afim de guardarem a casa da Manuela, que corria risco n'esta noite de ser invadida pelos Leolindistas.

A's 2 horas da manhã voltaram, quebrando vidros e vidracas

—Meu amigo, estou de bocca aberta ou vindo as saçaubas dos Hectores e Achilles.

E a policia o que fez?

—Fez o que costumam fazer todas as policias da nossa terra.

Si ella cumprisse com o seu dever os *partidarios* ha muito se arrependeriam de seus *desfructes* e estaria terminada semelhante patifaria.

—De que forma?

—Prevenindo o mal, e cortando-o pela raiz.

—Indique o meio.

—Ou fechando as portas do theatro, ou trancando no chifudró da policia os exaltados imprudentes d'ambos os partidos.

—Muito bem: fallou como um deputado de côrte, seria uma felicidade para o publico.

A PEDIDO

O abaixo assignado, tendo lido uma correspondencia no *Jornal da Bahia*, de 25 do corrente, assignado pelo Illm. Sr. Dr. P Botelho, em que trata do nome do abaixo assignado como official de justiça; vem declarar que, o referido não é official de justiça, e sim trabalha no Forum, agenciando algumas causas, como procurador.

Bahia 27 de outubro de 1864.

Eduardo de Abreu Contreiras.

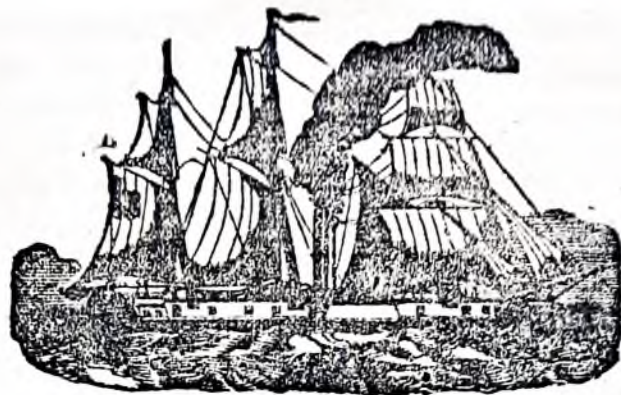
Pede-se a um furriel de artilheiros que está na ala esquerda da *linha*, queira pagar o importe da farda ao pobre alfaiate, por não o ter querido fazer, e agora indo se lhe pedir a importancia diz que a obra não presta tendo achado do seu gosto quando recebeu.

ANNUNCIOS.

O theatro de Latronopolis vê-se obrigado a contractar uma *actriz* que tenha o *TALLENTO ROBUSTO* e *delicado* da grande Leolinda.

NOVIDADE.

A tomada do vapor *Florida* no porto da Bahia na madrugada do dia 7 de outubro, uma rica vista tirada por fóa da fortaleza do mar, discrevendo todo o acontecimento, preço 1000 cada exemplar, estão a venda na livraria do Sr. Francisco Queirolo rua nova do Commercio.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.ª

BAHIA 3 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 130

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17
à 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de novembro de 1864.

Officio á camara municipal para que mande fechar um buraco enorme que ha na rua da Larangeira, o qual, na noite do 1.º do corrente, engoliu uma mulher velha que passava e que foi dalli tirada por algumas pessoas que tambem passavam.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, para que mande ao Gravatá, venda n.º 5, dispersar um grupo de pessoas que alli vivem a insultar ás pessoas que passam.

—Amigo, diga-me, que egreja é esta?

—E' o Rosário.

—Porém detenha-se, o Sr. não pode passar daqui.

—Então, porque?

—Porque quem está de jaqueta, não pode passar das grades para cima.

—Então na casa do Senhor tambem ha distincção?

—Não sei. A ordem que tenho é esta.

—Quem lhe deu esta ordem?

—O padre João.

—Não lhe creio.

—Pois então leia aquelle letreiro.

—Tem rasão.

—Roubar, isto é furtar, fazendo violencia á pessoa ou ás cousas; penas de galés por um a oito annos. (Artigo 269 do codigo criminal)

Não sou juriconsulto, mas diz-se geralmente que o crime de roubo é um crime publico.

Si é.

Wenceslau foi preso por crime de roubo em flagrante (diz o *Diario*); foi encontrado com o roubo pelos moleques, que, como diz a *Critica*, fizeram de policia; logo a justiça devia accusal-o e talvez o accuse, quem sabe?

Mas si ainda não o accusou, si o tem de accusar, sentido, Srs. da policia!

Wenceslau já está vendido ao Sr. Constantino José Gonsalves para ser embarcado para fora da provincia, si ja não embarcou!

—Mas como? quem lhe disse?

Não é possivel!

—Examinem, Srs!.....

—Oh! isto aqui está cercado! uma rua por onde tantas vezes passei!

—Homem, é verdade; este beco lá dar lo angradouro; principiava daqui entre a

caza do Bulcão e a do José Manuel d'Amorim e acabava lá.

—La, onde?

—No Sangradouro.

—E a camara não vê isto? Não vê que quem quer que seja quer assim, tão escandalosamente, prejudicar o publico?

—A camara está a concluir-se; ou não dá cavaco com o que vê, ou então nada vê.

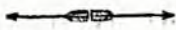
—Grande Deus!

Guarda-marinha, faça o possivel para que despertem as pessoas encarregadas de velar pelos beneficios e interesses publicos.

—Tenho bem que trabalhar!

Despertar um dorminhoco, fazer ouvir um surdo!...

E esta?!.....



—Capitão, esta é galante!

—Galante o que?

—O Bigode de ferro está como um tigre por ter eu dado parte a V. Ex. de sua justa quebra.....

—E quem te disse?

—Um intimo amigo d'elle, o tenente Pato-molle.

—Então o que te disse esse bobo?

—Disse-me, capitão, que não tinha eu obrado bem em dar parte a V. Ex. da quebra de seu commandante; porque eu bem sabia que elle è brasileiro, e que melhor está no caso de se arranjar, do que muitos estrangeiros que no commercio se arranjam por meio das quebras; quanto mais tendo elle a seu favor seu genro que de combinação se apresenta para arrematar a massa com 90 o/o de prejuizo a seus credores!...

—Passa!... isso é de mais!.....

—De mais o que, capitão?! Juro, é verdade, contou-me o mesmo Pato-choco ou Pato-molle, que as maiores despezas de seu coronel-tenente provinham de sua segunda familia.....

—De sua segunda familia!! pois elle a tem!

—Ora si tem, capitão: a vista do que me disse o tal Pato-molle, é uma moça que mora na rua dos *Marchudores* e que ha pouco deu á luz um perfeito menino para successor da gerarchia!...

—Pelo que me contas, é um bom amigo

o tal Pato-molle ou Pato-choco, como ha pouco o chamaste; e como estou agora nas minhas horas vagas e com pachorra, vai dizendo mais o que sabes; porque gosto muito de observar e colligir couzinhaz vans.....

—Então, capitão, contar-lhe-hei mais o que ouvi do sobredito Pato-molle ou choco:

Disse-me que para ajuda de custas tinha entrado seu commandante Bigode de ferro, nas ultimas eleições, e gasto com ellas além de avultada quantia, abonos de letras ao *Pequeno Porco* para compra de farinhaz!

—Farinhaz para o que? para porcos?

—Não, capitão, para bolacha e pão.

Olhe, elle deu por vezes ao alferes Espalhães não pequenas quantias para compra de chapas. Ao papa-gatos deu o Bigode de ferro, para fazer o papel de judas na eleição, 300\$ rs. e não 200\$ como se tinha espalhado, e para compra de chapas, despezas com roupas e calçados para os votantes pobres da freguezia mais de 600\$ rs.!

—Qual! isso não pode ser verdade!

—Mais que verdade, capitão! a prova está n'este pedacinho que lhe vou contar por ultimo:

O mesmo Pato-choco ou molle, foi portador da quantia de 40\$ rs. que lhe deu seu commandante para entregar a um imbirrante, porque não queria ir á igreja votar sem essa quantia para compra de seus arranjos de roupa etc. tanto que o tenente Patinho de raiva passou de ave á fera, porque o tal cujo se apresentou na igreja com paletot e calça velha suja, calçado em um bom chinello a par do amigo que serviu de intermediario na transacção da chapa! A' vista disto capitão, o que me diz?...

—O que hei de dizer? Que estas cousas me fazem pasmar, e assim não quero nada mais ouvir por agora.

—A's ordens, capitão.

—Dize no guarda-marinha pedestre Guilherme, que conduza esse commandante á minha presença; quero lhe ver os bigodes e ajustar com elle contas.



—Ora na rua dos que tem ouro ha um lavador de chapéus vindo de *Braga*, que è galante.

—Como? bonito? svelto? engraçado, airoso, galanteador?

—Qual, capitão, nada disto; o que o sujeito faz é lavar chapéus e a quem lh'os dá a lavar, dá uns bilhetes que dizem ficaram elles perdidos, si os não forem buscar no praso de 60 dias.

—Quem me avisa meu amigo è.

—Mas é que o magano que marcou dia para se ir buscar um chapéu não o deu no praso marcado, e adiou.

—Quer dizer que o homem quer completar os 60 dias?

Não è crível.

—Não, tal não digo, mas o que é certo è que o sujeito é da schola do Fr. Thomaz, fase o que te mando e não o que eu faço.

—Espichou-se: si bem o prega melhor o faz.

—Quinau dobrado!

A ordem é de S. Raymundo.

Põe em Deus os olhos.

E as unhas neste mundo.

—Retire-se, málevolo, maledicente!

LA VAE VERSO.

Xentes, o que ha de novo
Em nossa infeliz Bahia?
O *Wassuchet* voltou,
Ou temos epidemia?

—Nada, nada, foi *saraiva*
Que cahiu com temporal;
Estragou o Guanabara
E a Bahia fez mal.

—Fez mal á mulata velha?
—Ao contrario a desprezou
Depois do dote alcançado
No engenho se encafuou.

E na cara deu co'os pés
A quem alto o elevou.
Saraiva veio da *Plata*,
Onde só *plata* o levou.

Na *Plata* aprendeu o mogo
Que ao mundo rege o dinheiro;

Deixa ir o partido á vella,
Falle embora o mundo inteiro.

Que importa digam vermelhos
Que o homem aos seus trahiu?
Saraiva será bom chefe,
Por chuva do ceu cahiu.

Tiroteio.

Um caso novo se deu
Que recorda antiguidade;
Chuva de pedra de ouro
Na *Plata*, mas não em grade.

Cabelleira, teu juizo
Onde o deixaste, doutor?
Ainda assignas decretos,
Por ordem de teu mentor?

Um *mocetaõ* cabelleira,
Por mestre um *calvo* tomou,
Mas o *calvo* era o discipulo
Que no velho confiou.

A PEDIDO

Uma pergunta innocenté á
um namorador das tres. †

Pergunto-se a um viajante chegado ha pouco do Rio Grande do Sul (em dezembro de 1862) si faz tenção de cazar-se com todas trez moças com quem namora, uma na rua do Tijollo, outra no Rosario de João Pereira e a outra ro *Arial de Cima*, onde mora o mesmo ha pouco tempo.

Namorando todas trez,
Só com uma ha de cazar
E pelo que ouço dizer
E' com a memma do jautar.

Por ser namoro de dois annos
E' que dizem ser com ella;
Eu sei com toda certeza
Que o menino gosta della.

Tirada esta consequencia
As duas levam taboca,
Desde já vou prevenir
A Naninha e a Janoca.

O aza preta.

Sr. Antonio, vá á casa do homem que *arma* e faz caixões pagar as despesas do enterro de seu filho que já li se foi á mais de um anno, e Vm. veja que não é com grosserias e malcreações que se pagam dividas, mormente quando o credor tem esperado com paciencia de Job que o Sr. receba o dinheiro daquella letra que diz seu irmão lhe deixara, do contrario, pedirei ao guarda marinha que mande o muxingueiro passear por defronte do chalariz no Guadalupe Vm. parece que me entende.

Zézé

Atenção, atten,ão.

—Ora nunca se viu maior desaforo!

Um ladrão reconhecido, um juiz venal, corrupto, prevaricador!

E tolerado!

Governo do Brazil !.....

Governo do Brazil !.....

Pois aposentou-se desembargadores, aposentou-se ministros do supremo tribunal de justiça, e só não se aposenta os juizes de direito!

Nem os accusados pela voz publica, a qual, unanime, os aponta como os miseraveis que recebem dinheiro por qualquer sentença!

Como os indignos que se vendem aos proprios negros africanos!

Como os jogadores perdidos, cujo ultimo recurso é vender a dignidade, a consciencia e a honra!

Si mais uma vez receia-se invocar o *bem publico*, o *salus populi suprema lex*, nomejem a esses miseraveis para chefes de policia do inferno por ex., como dizem que dizia o Dr. Romualdo.

Si accitarem, terão uma pena, serão longa viagem, terão grandes incommodos e serão logo depois demittidos, ficarão avulsos.

Si não accitarem, a ultima pena é sua, ficarão tambem avulsos, e as provincias e o povo brasileiro livres de semelhante praga!

O juiz a que nos referimos é geralmente conhecido como um venal; todo tratante appella para elle, por contar com a sentença em seu favor, comprando-a.

A vida e a propriedade d'um cidadão entregues a um vampyro desses... bem vê S. Ex. o Sr. ministro da justiça que não é possivel.

A voz publica.

ANNUNCIOS.

Relojoeiro.

Januario de Amorim Vieira declara que abriu a sua casa de trabalho a' rua das Ourives n. 4 1.º andar. A prompta tolo e qualquer elogio com brevidade de tempo e por preço commodo.

No dia 13, ou 14 do corrente fugiu do abaixo assignado a sua escrava, mulata de nome Bernardina, com os signaes seguintes: altura regular, magra, cara redonda, pés pequenos e secos, cabellos annellados cortados á tesoura, ultimamente, já um pouco crescidos, olhos grandes e pretos, tem duas cicatrizes no pescoço (do lado esquerdo) com falta de dentes no lado de cima, costuma mascar fumo, e com quanto seja moça com tudo parece ser idosa, levou vestido, saia de chita acabocorada, panno da Costa inglez com listas azues e brancas, lenço de chita na cabeça, tudo já usado; cousta que tem sido vista, pelo Sangradouro, Mercéz, Gambôa e Afflicto, quem a prender e leva-la ao trapiche Barnabé, ou ao armazem do Sr. Manuel José Antunes á Praça do Commercio, sera recompensado.
Bahia 24 de outubro de 1864.

João Martins da Silva.

Ama de cosinha.

N'esta typographia se indica uma de excellente conducta.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª

BAHIA 5 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 131

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17
à 15 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Litoropolis, bordo do *Alabama* 4 de novembro de 1864.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá à rua dos Ourives n.º 2 e procure um Sr. Braga que lava chapéus, e faça-lhe observar a inconveniencia que ha com a falta de pontualidade nos seus tratos, visto que dando um dia certo para se ir buscar qualquer chapéu que lhe dão para apromptar, nunca os cumpre, obrigando à que se vá alli com notavel incommodo, quatro, cinco e seis vezes, ao passo que marca um tempo para se perder o chapéu, não se indo buscar, podendo bem succeder que nestas demoras se complete tal prazo e venha o freguez a perder o seu objecto, o que de maneira nenhuma pode continuar. Cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Alguns meirinhos queixando-se do prejuizo que soffrem pela usurpação de certos escritôes que assumem a si os misteres do officio daquelles como sejam citações, intimações etc, além de ser pouco compativel com a posição destes.—Uzem dos meios competentes.

—Ora, capitão quem mais vive mais vê.

—Que houve?

—Cada vez vez apparecem mas episodios da vida do milagroso São Calombreiro.

—Olhe; fallou-se um dia destes em Calombreiro, dizem que é um sujeito da Bahia e eu não quero complicações.

—E' que este tomou o nome do santo, que V. Ex. bem vê que não pode ser o mesmo, porque o santo para ser santo foi preciso que morresse.

—Bem.

Eu bem dizia á V. Ex. que S. Calombreiro tinha um coração angelico. Pois o santo não perdoou a uma cunhada uma divida de trinta contos de reis, só recebendo os juros que eram cinco contos!

—Ca, ca, ca, ca, ca!

—Sim, Sr.! Por pedidos da familia, dos parentes, da cunhada!

—Que patife!

—Patife?! Sim, Sr.

—E' o que eu digo.

—Não zombe; perdoou sim, Sr.

—Ca, ca, ca, ca, ca!

Homen, o Calombreiro é santo novo, de nosso tempo, de pouco tempo quero dizer, creia em Deus que é santo velho.

—Ora deixe-me, capitão!

E si eu contar a V. Ex. que elle livrou uma vez uma criasinha da perdição?

—Serio?

—Serio sim, Sr.

—I dizem que elle roubou a uma porção de parentes, calumnia horrivel! e que teu-

do de ir à praga os bens dos roubados, foi uma pequena escrava que a mãe quiz libertar....

—Isto é o que sahio na minha folha official.

—Não, Sr, aquillo é um facto identico; e a coincidência do nome revela apenas que quem tem tal nome é um beatão dos seiscentos.

Mas, como ia dizendo, a mãe da menina cobriu a avaliação com dez tostões.

Ora faça idéa. Libertava-se a menina, mal educada, atôa, aos trambolhões e mais uma alma para o diabo.

—Que fez o santo?

Cem mil reis sobre a avaliação.

E além de livrar uma menina do *mal caminho*, satisfaz a vontade de Deus que amaldiçoando a Cham, quiz que fosse sua geração escrava.

—Foi o primeiro que mettem dous proventos n'um sacco, ou tres....

—Tres como?!

—Cale-se! Ouça o resto que é men.

Esse beato, esse santarrão, esse hypocrita, cujas virtudes pode V. exaltar quanto quizer, tinha familia como V. mesmo disse.

Pois havia um numero escandaloso n'uma egreja onde iam ouvir missa; certo *doutor capitão* andava de aza cahida por ums das filhas do santo e quanto desfructe imaginar-se pode elle com ella dava, principalmente *sendo com uma roza*.

E o santinho, tão bom sectario da Biblia, consentia nisso, quando diz a Biblia:

« Ai daquelle por quem o escandalo vem ao mundo! »

—Si o santo ignorava!

Absorvido nas suas meditações e orações, todo seu pensamento era em Deus.

—E esta agora?

Em certas tardes ia á uma taverna na rua em que havia *rozarios* e onde morou o João Pereira e chupava a valer.

—E o patriarcha Noé, capitão!

—Pois, como Noé bebeu, beba tambem, e venha bebado para bordo, que fallaremos.

—Então não ha um numero certo para requerentes do foro?

—Dizem que sim; tanto que tirando certas pessoas provisão de procurador deixaram de tirar a de requerente, por não haver vaga.

—Pois, meu amigo, hoje no foro requerente é formiga, é praga.

—E' preciso pedir-se providencias ao Exm. Sr. presidente da relação.

—Oh! a relação é republicana!

—Porque?

—Não deitou illuminacão pelo fausto casamento de S. A. I. a Serenissima Sra. D. Isabel com S. A. R. o Sr. Conde d'Eu, marechal do exercito, gran-cruz de todas as ordens brazileiras.

—Falta de dinheiro ou de villas.

—Verdade é que acabou-se o seho, que foi todo empregado no costado da *D. Januaria*, isto é a corveta, para poder ligeira seguir viagem.

—Tomou posse da presidencia o Luiz Antonio, 3.º vice presidente.

—E o Saraiva?

—Aquelle figurão!... descer de sua dignidade para ser presidente de provincia! um ministro duas vezes! um fazendeiro! um senhor de engenho!

—E não tem talento? Não se falla tanto nisto? Não é da liga? Como a desampara? Como a deixa assim?

—Politica.

E quanto ao talento, como è tempo de safra, foi applical-o no engenho que lhe rende mais do que a nação, em cujo solo dizem que correm, mas não correm *rios de prata*, e cujo céu não deixa calhar *saravus de ouro*.

—Este mundo, está perdido! E' por estas e outras que he tantos castigos!

—Ja vem Vm. com superstições. Si o mundo está perdido encarregue-se de indireital-o.

—Não sou palmatoria do mundo.

—Então cale-se.

—Mas ás vezes vê-se consas, que fazem um homem ficar horrorisado!

—O que viu Vm?

—Um homem *salvador* que não salva ninguem, filho de um *Borges* natural de *Barros* que quer reduzir a sociedade aos tempos primitivos.

—Como, homem?

—O homem é pouco escpuloso e viver o

em commum sem a menor cerimonia com a irmã, como viviam os innocentes Adão e Eva no paraizo terreal, em signal de amizade fraternal.

—E Vm. viu isto?

—Mas viram os agentes de policia que foram á casa do cujo na rua das *Laranjas*. E si V. Ex. duvida, mande chamar o Marçal n'cirinho que sabe isto de fundo.

—Sua alma, sua palma.

—Que faz tanta gente apinhada alli no Cabeça?

—Uma desgraça que succedeu.

—Que foi?

—Uma rapariga que precipitou-se da sacada.

—A razão?

—Dizem uns que em rasão de maus tratos que lhe dava a senhora. Outros porém dizem que a má indole da rapariga deu origem a semelhante catastrophe.

—A policia que indague.

Depois que vier a parte daremos as providencias.

—As obras da camara são engracadas. Faz e desfaz se p'ra tornar a fazer-se.

Calça se e descalça-se.

—Isto denota zelo na execução dellas.

—Não cassue.

O que eu julgo é que a camara no proposito de dar que fazer aos operarios, manda desmanchar as obras para fazel-as de novo.

—Como?

—Não vê a rua Direita do Collegio, calçada ultimamente, se concertando outra vez?

—Ora isto são pequenos reparos. Aperfeiçoamentos na rua para afortunoseal-a.

—E o que fazem tantos engenheiros, administradores, feitores, encarregados, marcadores, etc.,

que não dão uma direcção regular á obra afim de evitar isso?

Si para arrumar pedras nas ruas dão-se irregularidades destas, o que será n'uma obra de circumstancia?

—E o Sr. que hade se metter em tudo!

—E' verdade. O melhor é deixar as cousas ir co no vão.

—Vamos dar um passeio á Moritiba pela estrada de ferro.

—Vamos.

—Estamos na Plataforma. Que é aquillo? é o engenho do Dr. Balthazar? Tão pequeno!

—Não, é a estação.

—Cheia de sacos de assucar!

Não ha lugar para os passageiros sentarem-se!

—São sacos que vão para o Cabrito.

—Si não è engenho, è trapiche; eu t'inha rasão.

Bem bello!

A estrada de ferro vae em progresso!

—Daqui á Moritiba quatro leguas e meia.

E são quatro horas! nada de chegar o trem!

Logo em que dia viemos nós! 31 de outubro!

—Dizem-me aqui que demorou-se o trem por assim ordenar o chefe, em vista de ter ido preso o foguista do vapor!

—E viva a patria!

A PEDIDO

Roga-se a um Sr. tenente que está em *segundo logar* e cujo nome tambem se pode escrever com as letras C. E. F. G, para vir á rua do Tingui, pagar a quantia de 18\$000 rs. que deve ha mais de um anno; si não o fizer no pra-

so de tres dias, verá seu nome por extenso.

Bahia 4 de novembro de 1864

—ooo—

Don-don para que dá passagens para o 10 a praças que não estão no caso? será por ordem superior? não viu o aviso do ministerio da guerra que manda receber do 10 só os casados e como Vm. está a receber solteiros, e até sargentos e tenentes para serem rebaixados por não haver vaga, abusando assim das ordens do governo imperial?

Ora vejam como ar o'am estes fanfarões e dizem que são cumpridores das ordens de seus superiores.—Valha-me S. José das Silveiras!

Atenção, atenção.

Uma questão criminal pende da decisão de certo magistrado. . .

Daqui, da capital, da Provincia, do Imperio?

Do Imperio provavelmente, da Provincia talvez, da capital.... não direi..... não sei!.....

Mas a questão pende da decisão do cujo.

O cujo é.... ora sei la o que é! Chamam-no infame, immoral, prevaricador, venal, ladrão. Não sei o que é.

Sabem o que dizem?

O commercio, a industria, a litteratura, os proprietarios, todos enfim; A VOZ PUBLICA?

Dizem que como são os criminosos homens ricos, a sentença será a seu favor.

Não pode ser.

Apezar de que.... falla-se n'uma lettra de 3:000\$ e mais outro tanto de luvas.

Ora isto não cabe no possivel!

Mas enfim....

Veremos, veremos.

←————→
A voz publica.

O professor da freguezia de Marcé, João Francisco Regis, pede á redacção do *Alabama*, cujos membros nem conhece, o favor de declarar si teve elle alguma parte na publicação que sahio a 25 de outubro com o titulo de—Pergunta sem malicia.—Bahia 2 de novembro de 1864.

João Francisco Regis.

Declaramos solemnemente que não.

A Redacção.

ANNUNCIOS.

Lucindo Antonio Quirino, filho e herdeiro do fallecido Quirino Antonio, declara que está inteiramente conforme com a publicação feita por seu cunhado Dr. Antonio da Silva Deiró, e certo de que elle não só é o verdadeiro inventariante, conforme a lei, como também é a pessoa que mais garantias offrece em favor dos interesses de todos os co herdeiros; e pr tanto deixe-se o Sr. João Rodrigues Germano de procurar causas perdidas —não pegam as bixas, bem te conheço procurador que procuris para ti....?!?

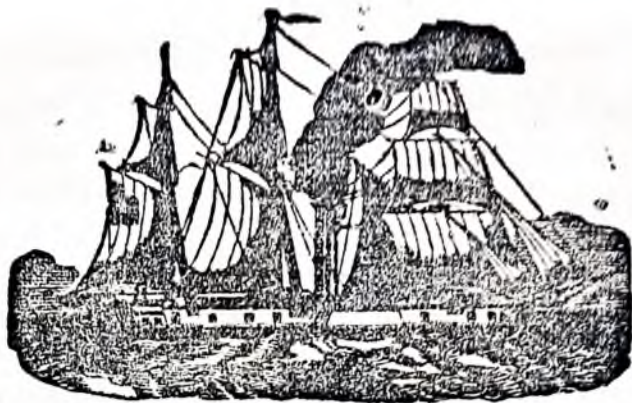
Lucindo Antonio Quirino.

Novidade.

A tomada do vapor *Florida* no porto da Bahia na madrugada do dia 7 de outubro, uma rica vista tirada por fora da fortaleza do mar, descrevendo todo o acontecimento; preço 1\$000 cada exemplar, estão a venda na livraria do S. Francisco Queirolo, rua nova do Commercio.

COSINHEIRA.

Nesta typographia se indice uma perfeita cosinheira e que tem excellente conducta.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.^a

BAHIA 8 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 132

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 17 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Lutronopolis, bordo do *Alabama* 7 de novembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que em dias da semana passada, fazendo-se uma escavação junto ao muro da horta de S. Bento que fica no fundo da casa do Sr. João Leocadio Vergue, encontrou-se interrada uma ossada que suppõe-se ser humana, e estar alli ha pouco tempo; e tendo esse factu passado talvez despercebido leva-se ao conhecimento de S. S. affim de aprecial-o como iotender.

—Ao Sr. Dr. delegado para que mande capturar um alfaiate, morador á Lapinha o qual pediu emprestadas vestes de theatro para levar a freiras que representaram na *Solidão* comedias e dramas.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá com alguns grumetes aos Afflictos e averigüe quem são as moças e moços que põe-se alli a dar spectaculo com suas momices e olhaddellas, para remetter-me os principaes e mandar publicar os dos outros. Cumpra.

—O padre Ayres pregou nos Afflictos e renovou a Quaresma. Julga que está no meio dos cabocolos e que elle è um enviado para missões.

—Mas que disse?

—Que a igreja è casa de oração....

—Que novidade!

—È que estava reduzida a namoros,º a arranjos de cazamentos.

—Si o namoro è o meio, o cazamento o fim, que a igreja santifica....

—È que era até una *spelunca latronum*.

—Foi justamente o que fizeram os padres que vendem licenças, licencias e indulgencias com preço marcado.

—È quem falla? O padre Ayres!

—Olhe a responsabilidade!

—Não chama, não, que è para se fazer martyr; tudo soffre com resignação por amor de Christo.

—Assim como um certo por amor da mulata das forinbas, ou da de Sergipe.

—Ah! si eu pego este ultimo tratante!...

—Ja não se pode ir ao theatro!

—Porque?

—Porque os *partidarios* attaccam a qualquer pessoa e a policia com suas condescendencias os açula. Ninguem está alli garantido. Ainda no sabbado, um *fidulgo*, D. Augusto, levou a gritar na porta que estava com *dous dedos de grammatica*, que não

respeitava a ninguem, provocon dentro da platea a um moço, esperou-o na porta e foi dormir em santa paz no seio de sua familia.

—Si a policia não garante, que cada um se garanta.



—Ora esta! Subi agora pelo beco do Gré-lo e ao chegar em cima, dei-me com um portão de ferro trancado.

—A's 10 horas do dia?! Devia estar aberto às 6.

—Devia, e quando não devesse, devia-se ter anunciado que era prohibido passar pelo beco do Grelo.

—Quem quer que teve a lembrança é um homem todo moral, devia...

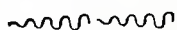
—Tanto dever!

—Devem os banqueiros, deve o estado, o verbo *dever* hoje é necessario.

—Conclua.

—Ora sei lá o que ia dizendo!

Este Brazil assim vae de mal a peor.



—Os homens *das pedras* querem fazer agua suja.

—Na Praca ha pedra em grande porção.

—Leu o *Jornal* do dia 5?

—Não.

—Diz que o vice-presidente é um terror; que houve musica para destruir a sensação sinistra que causou ao povo sua sua posse; que é Masanielli.....

—*Pescadores* são elles.

—.....que é Marat, que tem veias diabolicas, onde gira sangue de corso e mil outros desaforos que só mão de ferro pô-de vingar.

—Ou o muxingueiro do *Alabama*.

Repare porém que alli confessa-se que a nomeação foi *inconveniente e infeliz* para elles.

—E lembram 1837!

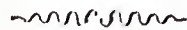
57 só causa vergonha (aos que tem) aos que atiraram o povo nas fogueiras, aos que arrojaram nas prezigangas, aos que o arremecaram ao mar, depois de ter-lhe roubado tudo, patria, fortuna e vida.

—Canalha de safados!

Escrevem um paschim d'aquelles e hão de chamar amanha ao *Alabama* de paschim, porque o remedio efficaz que tem

o capitão para muita gente é a *taca* do muxingueiro!

Canalha!



—Moços gaiatos, *petits-mâtres*, casquilhos, folgazões, joviões, *engraçados e tarrafeiros*, vou dar-vos um aviso.

Tem constado que o escandalo pretende subir nos Afflictos

Ja ha até seus apertos de mão.

Olhae que nossa policia não dorme.

Si continuaes a andar por este caminho, VOSSOS NOMES SERAÒ PUBLICADOS.

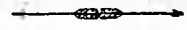
Tomae sentido, meus gaiatos!

O padre Ayres bem diz, a eaza de Deus não é para escandalos.

Si hoje Jesus Christo não dà de corda, o muxingueiro abi está firme no seu posto de honra.

Sentido!

Quando com quatro dias está ass m, quanto mais ao concluir-se.

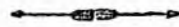


—Ha agora uma nova especie de namorados.

—Estão em desuso os salpresos?

—Agora estão na ordean do dia os *tarrafeiros*, que outros chamam *sanctificad s*; dão de olhos, e os voltam para o ceu. São duas settas a varar qualquer coração empedernido, tem a força da bala do canhão de calibre 600 que fura qualquer encouraçado.

—Ah! maganões!



Scenas de Latronopol's.

—Posso ser negro, como sou; mas felizmente levanto a cara ante qualquer branco, sem ter de que me envergonhar. E V., cadeiinho das duzias, não o pôde fazer, á vista daquelle major que é seu superior e que está alli à janella.

—Tem de ser *caçado* para o exereito; diga que elle é um mau filho, mau cidadão, um *perdido emfim*.

—Meu filho! *caçado*! porque não quiz

comer *requiejo*, de que tanto gosta o maior, meu visinho! Valha-me S. Carlos, S. Nery, ou qualquer outro santo!

—E isto chama-se *liqueirismo*, *progresso*..

—E tanto o é, que *boa liga* fizeram *requiejo* que é manteiga e azeite de *olivicira*.

A PEDIDO

O Sr. *Gis* presidente de certa sociedade poz a *união* da mesma em completa desunião com os seus discursos de diplomata das duzias!

A não ser o sangue frio da quasi totalidade dos socios haveria grandes desordens na sociedade, em virtude das maneiras *delicadas*, das pbrases *urbanas*, dos terminos *brandos* que S. S. emprega em relação a seus companheiros.

Pois, Sr. *Gis*, na sociedade so ha de prevalecer sua opinião? Pois ha de querer conservar um musio que a maioria repelle?

Por fim pede-se-lhe que quando tiver de preceidir beba agna que é bom para esfriar o sangue e por maneira nenhuma vinho que esquentá.

O *Cabrimon*.

Leiam e admirem

Como são tratados e qualificados pelos vermelhos do *Jornal da Bahia* n. 5582 às pessoas gradas que assistiram na casa da camara à posse de S. Ex. o Sr. vice-presidente da provincia, Dr. Luiz Antonio Barbosa de Almeida.

Vejam:

«Como preludio da completa subversão da ordem, ja vimos uma turba petulante de peralvilhos sempre dispostos a tomar parte em qualquer occorrença, invadir o salão das recepções, formando o cortejo familiar de S. Ex., quando o foram cumprimentar os officiaes do batalhão que estacionava na Praça.

«A authority, que se rodeia de gente de semelhaute laia, não pôde ter direito ao respeito e obediencia.»

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

No lugar denominado — Dendezeiro, — limites da armação do finado Francisco Lourenço, ha um *candoublé*, cujos chefes são Anna Maria, africana, de nação Angolla e um negro conhecido por pae Francisco.

Tem-se alli extorquido aos incautos os pequenos recursos de que dispoem. Assim a uma parda de nome Maria tomaram cordões e argollas de ouro, a pretexto de curarem-lhe o filho que estava com feitiço; ao portuguez Sebastião 240\$ rs. para livrarem sua amazia do diabo que tinha no corpo; a uma crioula Firmiana 400\$ rs. para um identico; a Manuel Gregorio, crioulo, 120\$ rs para salvação de seu afilhado Vicente; a um portuguez de nome José 100\$ rs; a uma moça de nome Virginia 200\$ rs. para arranjar um casamento; e a muitos, a todos 1\$ rs., uma garrafa de vinho e uma vella para *improvisos*, mudança de falla, subida do *santo* à cabeça e outras patifarias, que bem vê S. S. não deverem continuar.

Os principaes personagens dalli são:

Anna Maria, rainha, ou mãe do terreiro; Anta Antonia Fernandes da Silva, secretaria, que foi escrava de Francisco Lourenço que a vendeu para o Rio, donde voltou liberta;—è a encarregada do *Pegé*, lugar onde se acham os *santos*; Balbina encarregada de ongommar a roupa dos *santos* e dos *devotos dançadores*; Maria dos Santos, cabo de esquadra que avisa às pessoas da cidade; a parda Maria, costureira da casa; o crioulo Justino, porteiro que é quem dá a guia; o pae Francisco tocador de tabaque; o africano Lino, escravo que foi de Francisco Lourenço, idem; Henrique Hilario Lapige, pardo, guarda do 4.º batalhão, idem, João Lisboa, idem; o africano Thomé, afilhado da mãe de terreiro, idem; o crioulo Batúla, escravo do Sr. barão do Rio Vermelho, idem.

Pede-se pois à S. S. que faça cessar este este escandalo, quanto antes, visto ser aquelle lugar um verdadeiro abysmo a que se arrojam os *simplees*, além de ser um

foco de quanta ladrocinha, immoralidade e devassidão passa pela mente dos *sabidos*.

Voltaremos, para esclarecer melhor certos pontos.

Um que não gosta.

—

—Capitão, capitão!!!

—Que diabo tem V. que vem correndo?

—Uma noticia de grande importancia.

—Foi o *Wassuchet* que foi a pique?

—Não, mas é ao *Alabama* que querem metter.

—Metter aonde? nas mãos do *Mancebo*?

—Capitão. . o negocio é serio, deixe os gracejos para outra vez.

—Então desemburre-se.

—Diga-me, conhece Manuel gato;.. Manuel grongron;.. Manuel torto .. Manuel bruto?

—Ora vá bugiar: Posso lá conhecer quem é esta besta de tanto nome?

—Capitão, é o mercurio dos franciscanos....

—Mas o que tem esse bruto comigo?

—Eu lhe conto: lembra-se do facto do tal procurador, que comeu os 3300 dos artifices que eu eu lhe dê noticia, pois o Manuel do *Gomes* achou mau e promette mettel-o na cadeia, por crime de injuria, por que diz elle ser o *mercurio* dos franciscanos—pelo que o vai chamar á responsabilidade.

—Homem deixe-me! V. só é portador de asneiras!

—Asneiras!.. Capitão previna-se.

—Mas o que quer que eu faça?

Muxingueiro!

—Prompto.

—Veja umas esporas, tome um chicote e um cabresto e va postar-se ali na ordem 5.^a e assim que passar um animal castanho, manco, torto de um olho, com o pello da cabeça rosinho, monte nesse burro e o conduza para a caza do Ariani para ser empregado na conducção do capim para os outros.

—Quer mais alguma cousa Sr. *noticiador* de asneiras?

Capitão não facillite...

—Com laes brutos tomara eu sempre vêr-me.

—

—Sr. Piroca Balleia chegue a falla.

—Prompto capitão.

—Então, como foi que o Sr. sendo tão energico disendo estar preparado para o que desse e viesse consentiu na justificação do socio Eulalio, tendo á sociedade o demittido?

—Foi... porque... porem.

—Diga.

—Capitão, o melhor é dizer-lhe que o Sr. Eulalio tinha grande partido dentro o fora da sociedade.

—Oh! então os de fora tambem?...

—Sim, pois lhe forneceram documentos fortissimos contra um dos socios que o tinha accusado, ja vê V.Ex. que era impossivel não levar avante, o caso é que quando acordei foi mais que tarde porém, bem feito me seja para eu andar mais alerta.

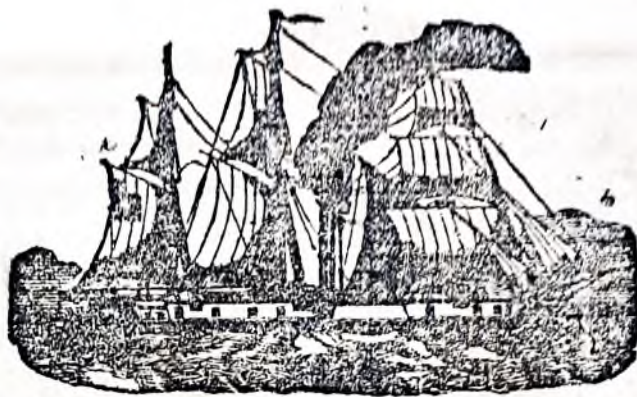
—Qual o resultado então?

—O resultado? eu lhe explico. Depois de grandes discussões a as embléa o re-admittiu na sociedade, nós da memoria peit-nos in continenti nossas exonerções, a assembléa concedeu e o elegeu presidente, sendo preenchidos todos os mais logares pelos seus correligionarios e finalmente depois de declarada a eleição o Sr. Eulalio levantou-se e disse haver terminado sua alta missão, e tomando o seu chapéu retirou-se com toda sua gente, ficando assim a sociedade entregue ás baratas, porém nós que nos achavamos ainda no recinto d'ella lavramos acta de continuarmos ainda, mesmo tendo declarado o Sr. Eulalio a dissolução da sociedade.

—Porem os Srs. já não a tinham abandonado?

—Sim, porém logo que elles deixaram os utencios da sociedade nós optao deliberamos instalar uma outra com outra denominação de eterna memoria.

—Oh! isto é outra cousa porque com o titulo de 20 de setembro eu não consentirei, mesmo porque me acho auctorizado pelo presidente d'ella a fazer represalia, caso os Srs. tentem continuar com o mesmo titulo.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.^a

BAHIA 10 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 155

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 47 a 170 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Começa hoje a decima-quarta serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latonopolis, bordo do *Alabama* 9 de novembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que no domingo, 6 do corrente, amanheceu afogada no dique uma mulher de cor preta, e consta que fôra interrada nas margens do mesmo, sem que se procurasse averiguar o que deu motivo a tão lamentavel successo, podendo muito bem ser que ande involvido nesse caso algum crime pelo que espera-se do esclarecido zelo de S. S. providencias, afin de ventilar-se si aquella infeliz mulher foi alli lançar-se por algum acto de desespero ou si como fica dito andou alli a mão de extranho.

—Ao mesmo, participando-lhe que no domingo 6 do corrente, no

sitio denominado Pojuca, na estrada de ferro deram duas facadas, sem que se desse a menor providencia, assoalhando até as más linguas que houve alguma protecção para o criminoso, tanto que foi o offendido remettido para a Matta, districto differente do theatro do crime.

Portaria ao guarda-marinha pedes're-Guilherme, ordenando-lhe que vá á ladeira do Alvo, e passe a deitar a *bolla* em dois famosos cães que existem na roça denominada do conego Pereira, os quaes levam a investir e morder as pessoas que por aquella ladeira passam. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que mande orçar a despeza precisa para o concerto d'uma boca de lobo que ameaça engolir a quem passa e remetta depois a conta á camara municipal para satisfazela. Cumpra.

—Que bicho é este aqui nas immedições do Xixi? Será coruja?

—E' noite e perto da egreja do Pilar, bem pode ser.

—E agachou-se na porta daquelle trapice. Estará à espera dos ratos?

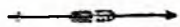
—E' alma penada, é um neto excomungado que trahiou ao avô.

—E que faz a olhar para aquella caza? Ha na janella uma farda de official de des-carga.

—E uma moça por detraz. E' sem duvida namoro.

—Muxingueiro, espanta aquelle bicho, para ver o que é.

—Com a primeira tacada v'ou, capitão. Não é coruja, mas é um *maçarico* enco-rujado.



—Que algazarra é aquella no Passeio?

—São moços de educação.

—Estudantes, não?

E quanta pedrada!

Vão por alli, pela ladeira da Gamboa, pousar no telhado daquelle caza.

—De quem será ella?

—Mora alli um moço de nome Brandão.

—E como insultam uma senhora respeitavel por que canta!

—E' por que são moços de educação.

—E o que faz o Dr. Souto que não pro-hibe isso?

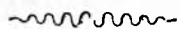
—Não ha guardas, como antigamente, e não é por tanto possivel que elle sirva de pedestre.

—Mas, a bem do serviço, elle podia requisitar força etc. etc. etc.

—Podia, mas nem tudo lembra á gente, principalmente aos politicos.

—Dizem tambem que um medico do hospital militar mette-se ás vezes entre os estudantes e faz com elles o diabo.

—Abi está a razão principal, a ser verdade. O Dr. Souto não pode querer desfeitear um collega. V. sabe bem que lobo não come lobo.



—Vin a lista de jurados da freguezia dos Sanhaços?

—Não.

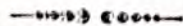
• —Traz personagens importantes....

—Está muito depreciada a importante e liberrima instituição do jury.

—Traz bebados, ladrões, safados, baderneiros e como seu respeitavel chefe o incomparavel Sr. D. Papa-gatos, de gloriosa memoria, digno sem duvida d'um tam-

borete em vez d'uma cadeira de juiz.

—Homem, está direito que o mundo hoje anda ás avessas.



—Ora, Sr. Bita!

—Que h.?

—Os 40\$ rs.?

—V. não gostou da chapa batida?

—Ora, Sr. Bita! uma chapinha por 40\$ rs.! 4 votos a 10\$ rs. cada um.

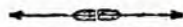
Ora, Sr. Bita!

—E a minha roupa?

—Ora, Sr. Bita!

V. foi de chinellos, e o paletot V. bem sabe quem lh'è dea.

—Ora pedras!



(Continuação.)

—Venha ca, Chiquinho.

Então foi na *Costa* que V. aprendeu a ser tão galanteador assim? Pois a seholá não foi das melhores.

—V. Ex. quer me castigar, sem razão; não se lembra do moço que ao voltar dos estudos pedia ao creado—salis salitris para comer cum ovis miquis; esquece-se de *certo professor*, que voltando da Europa não conhecia caranguejo, e do Girame que chamava ao coco—cócris; esquece-se até do Sergio de Macedo que vindo da Estranja, e tendo de fallar n'assembléa geral, pediu que desculpassem alguns erros por estar acostumado a fallar inglez!

Não se lembra que si eu quiz cazar-me segunda vez, foi porque na *Costa* o homem tem dez e vinte mulheres.

—E V. na caza do Soares não aprendeu o contrario?

Para que hade ser breguero, safado, infame.....

—Por tão pouco sou tudo isso, capitão?!

—E tua senhora, insolente! para que a desamparas?

—Ai que o homem já começa a tratar-me por—tu; mau vae o negocio!

—Dize, biltre, aquella moça é digna do trastamento que lhe dás? Para que has de estar a desacreditar teus parentes, teus irmãos? Dize, safado!

—Capitão, em quanto eu ando por cá, haja-se ella por lá!

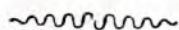
—Não tem duvida!

Nem por S. *Francisco*, isto tem mais vergonha; vou ver si algum santo da *Costa* endireita esta peste.

—Nada disto, capitão; na falta do sipó do major *Soures*, aqui tem a taca do muxingueiro!

—Não produz effeito, mas enfim, dá-lhe de rijo!

Sessenta por minuto.



—Que lorpa è aquelle que está a vociferar alli na loja da do *Zevenancio*?

—E' o mamartote alleres *Beriba*.

—Conheci na *Bahia* uma creoula vendeira de peixe chamada *Anna Beriba*, será parenta do cujo?

—Pode ser.

—O que tem elle que está tão enraivado? parece-me um cão damnado.

—Brada contra os gazeteiros.

Diz que só de chicote e espada na mão para esfregar esta canalha que escreve contra seu irmão.

—Ora por S. *Simplicio*! Então o sujeito è valentão?

—Qual! è um covarde de primeira classe. No tempo em que era militar houve uma campanha n'uma terra, onde ha um *rio grande* la para as bandas do *sul* e como o batalhão a que pertencia tinha de marchar para lá, elle para não seguir arranjou com que a concubina desse contra elle uma queixa e se lhe instaurasse um processo, e dessa maneira conseguiu ficar no quartel da saude.

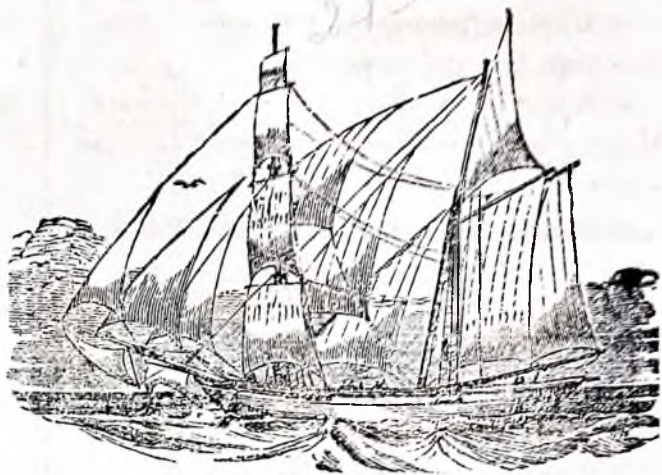
—E agora quer levar tudo à espada?

—Só si fosse alguma *cavalla* ou *cioba*.

—Porque diz isto?

—Porque vi-o muitas vezes, n'um logar que faz *preguiça* quando se passa por lá, dando preço e ajustando o peixe d'uma negra rica de quem era *caixeiro*.

—Muita analogia tem o Sr. alleres com a t. Anna *Beriba*! o mesmo nome, andava envolvido em negocio de peixes como ella etc. A differença è que um está em *Latronopolis* quando a outra estava na *Bahia*.



LA VAE VERSO.

D. Mancebo.

D. *Mancebo* fez-se á vella,
Lá se vae o moço embora!

A sultana *Januari*

La se vae por barra fora.

O pranto nos olhos vossós,
Patricios, eu já percebo.
Choremos, inda que sejam
Por baixo prantos de sebo.

D. *Mancebo* ja vae longe,
Oh! que ministro cruel!
Castiga um homem que á lei
Do eu fui sempre fiel.

Qual a rasão desse acto
E' cousa q' eu não concebo.
Façamos frente ao ministro.
Descarga ao chefe de sebo!

O homem culpa não tinha,
O que é que vae responder?
Absolvido na volta,
Bahianos, haveis de o ver.

E então com meus amigos
De champagne um copobebô,
Q'eu sei q'isto é patacoada,
Tudo tem do dar em sebo

Então, então, oh! que gloria,
Salva a honra da nação!
Fica outra vez a *Bahia*
Com seu chefe d'estação.

E todos então gritam s:
 Viva, viva D. Manceb!
 Q'importa q'aos nossos vivas
 O echo responda—sebo?

A PEDIDO

—O' lá Sr. Xico, faz favor?
 —O que quer, Sr. Souza?
 —Encontrou o Carvalho por
 ali?
 —Não. Alguma novidade?
 —Pois o homem não se intri-
 gou com os vendelhões daquelle
 rua cujo fim é bom, e promete
 não deixar pedra sobre pedra na
 calçada, atirando-as nos mes-
 mos!

—Então elle está doudo
 —Parece que sempre o foi.

E tanto o é, que já teve a lem-
 brança de querer proscriver os
 irmãos, o que a não ser a Exma
 mãe dos mesmos realisaria.

—Isto não é de doudo, é de ex-
 perto.

Pechincha.

Gratifica-se com 100\$ rs. a
 quem restituir uma arraia com o
 titulo Alabama que cahiu á Es-
 trada Nova na roça d'um sujeito
 do convento do Carmo, que se
 arranjou com a morte do coronel
 Felisberto.

Consta que quem a apanhou,
 pôl-a em leilão, onde a vendeu
 por 1\$ rs. afim de arranjar alguns
 cobres para o gamão.

Paga-se toda despeza que com
 ella se tenha feito, assim como
 os estragos por ella causados.

Muita attenção.

Roga-se ao Sr. Dr. chefe de policia que
 lance suas vistas para a rua por detraz da

camara, nas lojas, ns. 3 A, e 5 A, afim de
 acabar com uma sociê de reos de policia
 que se reúnem alli, deitados na rua, fa-
 zendo algazarra e praticando immoral-
 dades, e acabando sempre pelo maldito
 samba, que dá em resultado paucada ve-
 lha, e prohibindo as familias de dormir
 em socego; isto dá-se todas as noites.

Um que não dorme.

Da-se uma gratificação equi-
 valente a duas borboletas verdes,
 que certo escrivão recebeu na
 cloaca do forum a quem desco-
 brir um tratante que tem por *offi-
 cio vitalicio* demorar as causas,
 atropellando as partes e prote-
 gendo as que lhe dão dinheiro.

Bahia 25 de outubro.

O Babão.

ANNUNCIOS.

Pede-se ao Sr. M. C. M., ho-
 mem que não toca, nem canta o
 favor de ir ao Caes Dourado n.º
 73, pagar a quantia de 5\$140
 que deve desde 1860, pois quem
 vende fiado deseja que se lhe pa-
 gue. E si não tem meios pa a pa-
 gar, aconselha se que vá sentar
 praça na musica de policia, com
 cujo soldo poderá pagar suas di-
 vidias.

Fizeram alliança.

A vista da retrataç o feita pela
 memoria da extincta sociedade—
Vinte de Setembro—a maioria
 retira o convite que fez para o oi-
 tavo dia.

Relojoeiro.

Januario de Amorim Vieira de-
 clara que abriu a sua caza de tra-
 balho á rua dos Ourives n. 4 1.º
 andar. Aprompta todo e qualquer
 relógio com brevidade de tempo
 e por preço commoço.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

SERIE 14.^a

BAHIA 42 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 134

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17
a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

Declaração.

O Sr. Benjamin Francisco d'Almeida nenhuma ingerencia tem com este periodico.

A redacção não se responsabilisa por tanto por qualquer transacção que o mesmo faça em seu nome.

A redacção previne mais que ninguem pague sinão à vista de recibo impresso aos Srs. Miguel dos Santos Prates, Lepido José da Rocha, João Baptista Sutél e J. C. da Penha.

O ALABAMA.

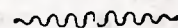
EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 41 de novembro de 1864.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que acompanhando do muxungueiro vá à rua de Baixo, e faça recolher por meio de taca quatro ou cinco moleques criados do hotel Restaurant Francez, os quaes depois de nove horas da noite sabem para a rua a quebrar vidraças e insultar quem passa. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá domingo à igreja da Piedade e previna dois taverneiros que alli costumam ir ouvir missa para que não continuem a levar seus

cães, os quaes incommodam as senhoras rasgando-lhes os vestidos, além de immoralidades que commettem dentro do templo. Cumpra.



—Conhece aquelle ruivo?

—Não; tem-me cara de judeu.

—E' um allemão que renegou a patria.

—Adiante.

—E' um sujeito da congregação de S. Felipe Nery, que deixou a roupa pela farda, e semelhante a Carlos Magno fez tantas proezas que foi tido logo e logo pelo maior.

—E com effeito é um homem grande; será besta de pau?

—Eu o que sei é que elle é o maior dos cavullos, pois que é macho.

—Adiante.

—Tem contudo um bom coração; gosta muito de musica e faz suas bondades.

—Seriamente?

—Que o diga certo cadete.....

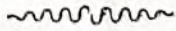
—Será um, por quem foi recrutado um crioulinho?

—Elle mesmo.

—Um, de quem todos fallam por ser inaudito o escandalo que dá com o crioulinho, que é tão dengoso, tão requebrado, tão effeminado que todos o comem por mulher?

—Justamente.

—Guarda-marinha, vá buscar aquelle moior liqueiro em companhia do menor para mandar o primeiro ao porão ver novos mundos e o segundo á cavallaria para distrahir-se.



—Quem é aquelle bobo de laneta que a todas as moças quer arreentar a cara?

—É um campeão importante e muito conhecido.

—Ignoro-lhe o nome, e nem por informação o conheço; diga-me como se chama e refira-me algum de seus famosos feitos.

—Dizer-lhe o nome... por ora não devo, mas aqui ha pouco tempo era conhecido por H 15.

Quanto a seus feitos, em outra occasião dal-os-há á luz; saiba porém V. Ex. que presentemente o biltre tem um escandaloso namoro na rua do Commercio, o qual indigna e aborrece ás pessoas que por alli passam ou moram.

É um papalvo desfructavel!

—E a moça?

—Pobre inexperta, deixa-se desacreditar por um insolente peralvilho!

Tão insolente que blasona que a ninguém respeita, que a ninguém receia, e continúa com suas patifarias!

—Mande-o prevenir para que não continue a desacreditar as familias com suas tolices; porque do contrario, será agarrado, amarrado a um dos mastros do navio, e açoitado severamente, além de ser-lhe publicado o nome, que V. fica obrigado a dizer-me.



—Isto de loteria é um roubo.

—Como?

—Ha mil annos que compro bilhetes e nunca me vem a agua ao pote; continuamente é branco ou o mesma dinheiro, que melhor se deveria chamar menos dinheiro.

—Menos dinheiro como?

—Paga-se por exemplo 1\$000 rs. por um quinto e recebe-se 900 rs. em cobre, embrulhados n'um papel.

—Engano na contagem.

—É o que me parece mais certo.

Bem vê que o thesourreiro é incapaz d'uma accção má.

—Concordo, concordo.



—Homem, estão muito caras as cazas em Itapagipe; não pode passar a festa fora da cidade quem é pobre.

—E a graça é que não posso. Mas tenho ja um meio de remediar o negocio. É tarde para este anno, mas veio ainda a tempo para o que vem.

—Fará V. o favor de dizel-o?

—Offereço-me para mordomo da devoção do Senhor do Bomfim, e tenho uma caza de romeiros por um anno.

—Ah! tem disso?!...

—É o que fazem os taes devo'os, dão 100\$ para a festa e gozam de todas as honras, regalias e privilegios.

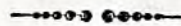
—A lembrança é boa, mas é que para V. ha um impecilho.

—Qual?

—A nossa cor, homem de Deus; mulato não pode ser irmão do Bomfim.

—Decepção!

E eu que me não lembrava!



—Pode-se entrar de chapéu á cabeça n'alguem templo?

—Nem em nenhuma caza, salvo precedendo licença do dono.

—Is'o quanto a homens?

—É a mulheres tambem.

—Mas eu no forum tenho visto algumas senhoras de chapéu na cabeça, e pelas egrejas tambem.

Na Piedade por exemplo, as moças fidalgas, as senhoras do bom-tom entram todas de chapéu á cabeça.

—Pode ser que seja permittido; algum uso francez importado pelas irmas de charidade. É talvez por isso que os capuchinhos nada dizem.

—E eu acho que não; a razão é que os frades da Piedade não gostam que vão á egreja senhoras com a cabeça descoberta.

—Fallando serio, é porque o Padre Ayres ainda não viu; sinão, sinão....

—La vinha uma excomunhão com todos os ingredientes.

—Um caso galante do Rvm. vigario do Pilar.

—Bello charuto!

Diga, menino, que ha de ser digno de memoria.

—A 7 do corrente sahio o sagrado Viatico para uma enferma á rua d'Agua de Meninos, e atraz do prestito um negro com os chapéus dos concurentes em um taboleiro. Alguem advinhou logo novidade, mas todos esperaram que voltasse o SS. Sacramento para a matriz.

—E não voltou?!

—Voltou, sim Sr., mas dentro do taboleiro!

—Incrível!

—Incrível! Pergunte ao Pilar inteiro, capitão; dentro do taboleiro viham capas, tocheiros, cruz, lanternas, umbella e a sagrada Ambula!

E atraz o Rvm. vigario de chapéu de sol ao hombro!

—E' serio?

—Ca, ca, ca, ca, ca!

Foi sonho que eu tive, capitão.

—Pois repita a graça e verá o que lhe succede.

—Não acho um emprego! Si soubesse que a maioria da camara era vermelha, fazia-me vermelho e tinha direito a um logar de fiscal

—Pois não é la das melhores cousas.

—Porque?

—Si succeder intrigar-se V. ha de viver tabareu.

—Não lhe intendo.

—Ha de viver sempre e sempre nas freguezias de fóra.

—Como?

—Porque no revesamento mensal, que è na verdade um revesamento, ha empenhos e o diabo e só os do peito são distribuidos para as freguezias mais rendosas.

—Calumnia.

—Quer provas?

—O Castilho, o Macedo e outros, ha oito mezes, mais ou menos, que estão no matto.

—Quem lhe disse?

—Leia o *Jornal da Bahia*.

—Então estou calado; contra factos não ha argumentos.

Quanto mais si os vereadores vierem a saber que sou liguriol!.....

LA VAE VERSO.

Saraiua, indo p'ra um rio
Que de prata se chamou,
Encontrou com D. *Pampeiro*
Que a viagem lhe estorvou.

Mas depois foi seu camiuh
Campos do sul refrescar,
E em vez de matar a guerra
Lindas flores fez brotar.

Voltando doude sahira,
No Rio signaes deixou,
Reuniu-se com D. *Pampeiro*;
E estragos alli causou.

Foi p'ra as bandas da Pojuca
Novos campos refrescar,
Muitas cannas tem nascido,
Muito assucar tem que dar.

Sens maus effeitos porém
Os homens estão sentindo;
Do que cae do ceu, por isso
Os homens vivem fugindo

Que do ceu cahiu tambem
Quem podia la valer:—
Tal o anjo da soberba
Que um grande pensava ser.

A PEDIDO

Adverte-se a certo empregado *valentão* da companhia Bahiana, que não continue a ir em uma casa ao Bomfim procurar pelo dono quando sabe que elle não está.

Ignora-se com que fim pratica isto, mas qualquer que seja elle não pode ser muito licito, uma vez que só na ausencia do dono vae àquella casa. Inda mais quando uma vez perguntando-se-lhe quem era, respondeu—ser um dos donos dos vapores.

Previne-se que não continue, do contrario ha de lhe custar caro. Veja que apesar de ter a fama de *valentão* não intimida a gullo de poleiro.

P. B. S.

—Sr. A., Vm. da-me uma esmolla pelo

amor de Deus, para eu tomar a guia da mão do vigario, affim de interrar meu marido?

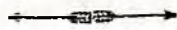
—Minha senhora, si Vos. é pobre, o vigario tem obrigação de dar-lhe a guia de graça.

—Mas, si o vigario disse-me que fosse pedir esmollas, pois elle não estava para fazer graças!

—Valha-me Nossa Senhora da Conceição com estes vigarios!

Tome, minha senhora, vá interrar seu marido.

—Muito obrigado, meu senhor.



Soneto.

Adeus, ó patria, minha, ó *Santo Antonio*,
Vou a raça cruzar no Maranhão,
Sei que vou sentir falta de mamão,
Mas embora, viverei como um *laponio*. (a)

Por vingança mesquinha d'um demonio
Vou o Lopo deixar, deixar Leitão.
Não chores, meu Jambeiro, meu irmão!
Pois ainda eu espero ser *bolonio* (b)

O trilho da politica é mui vasto.
Pode ser que algum dia eu seja *Zote*, (c)
E então commercis commigo ao *pasto*.

ti Justiniano p'ra ten côte,
Dar-te-hei uma *funda forte em basto*,
Pois ministro serci, que sou *garrote*.



Atten, ão.

Pede-se ao Sr. Pimenta o favor de não retirar-se para o Rio sem entregar a carta de liberdade do preto Tito, escravo do finado Bernardino da Secretaria, visto que não é preciso o referido preto pagar-lhe 300\$000 rs. como delle exigiu.

(a) Como um sujeito da Lapinha, que não chupa nada.

(b) *Bahiano*, isto é pretende voltar para Bahia.

(c) isto é, sabio e feliz.

(Do author.)

ANNUNCIOS.

Por S. *Balbino*.

Por S. *José*, pae de *Jezus*.

Roga-se a certo individuo que vá no Caes Dourado n. 73 pagar 8\$9.0 que deve.

Pede-se;

Por S. *José*.

Por S. *Marcellino*, e todos os mais santos.

A um Sr. *Carvalho* que vá pagar os 6\$600 que deve ao Caes Dourado, n. 73.

Pede-se ao Sr. C. S. B que tenha a bondade de ir ao Caes Dourado n. 73 pagar a quantia de vinte e tantos mil reis, do contrario será um alfaiate queimado na ladeira por baixo da casa que apaga sêde.

Roga-se ao Sr. J. J. P. para que tenha a bondade apparecer no Caes Dourado n. 73 affim de resgatar um fica de 11\$620 que passou para pagar no dia 19 de outubro p. p.; do contrario lhe será declarado o nome por extenso.

Roga-se a um individuo que entrou na venda do S. Antonio Machado, ao largo do Saude que vá deitir o carneiro do caixeiro da padaria que carregou com sigo no dia 8, e passou com elle pello monturo do S. Francisco si não terá o gosto de ver seu nome declarado por extenso.

Bahia 8 de novembro de 1864.
José Teixeira do Patrocínio.

O Patriota.

S hram os numero 8, e 9, e estão á venda nesta typographia

Precisa-se alugar uma casa, para pequena familia da Mangueira do Pilar ao Bom Gosto, ou então nas freguezias da Sé, Rua do Paço e Santo Antonio, a tractar nesta typographia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.^a

BAHIA 15 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 153

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17
à 1.^ª rs. por serie de 40 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

Declaração.

O Sr. Benjamin Francisco d'Almeida nenhuma ingerencia tem com este periodico.

A redacção não se responsabilisa por tanto por qualquer transacção que o mesmo faça em seu nome.

A redacção previne mais que ninguem pague sinão à vista de recibo impresso aos Srs. Miguel dos Santos Prates, Lepido José da Rocha, João Baptista Sutél e J. C. da Penha.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de novembro de 1864.

Officio à camara municipal pedindo que mande melhorar um cano que ha na Quintandinha do Capim, em frente aos Curraes Velhos, o qual se acha em tal estado que tem causado febres às pessoas da vizinhança.

—Ao Sr. subdelegado da Conceição da Praia, pedindo-lhe providencias sobre os conflictos e desordens que ha constantemente nessa freguesia, occasionados pelas innumerables cazas de jogo e de bebidas que por alli ha.

—Ao Sr. subdelegado da Sé chamando a attenção de S. S. para um candomblé que ha no Maciel de Baixo n'uma das lojas do sobrado do Sr. Paranhos, do qual candomblé é *papae* um preto de nome *Jebú* o qual inculca-se por grande mestre de deitar e tirar diabos, dar ventura, curar de feições &c.; para o que reune alli nos domingos grande numero de pessoas de toda qualidade.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá à rua onde se fabrica *vassouras* e veja uma creoula, de nome Constança a qual me informam que reune em sua casa mulheres depravadas e bebadas as quaes não só escandalizam as familias com as immoralidades que praticam, como insultam a vizinhança com descomposturas e palavradas; pelo que traga a referida creoula a bordo deste navio para se lhe dar o conveniente destino. Cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Xico d'Amor-rir Facão da Matanga Junior, membro da companhia do olho vivo, pedindo privilegio para continuar a desfructar certo cazal.—Dirija-se ao Babão para que certifique seus bellos feitos.

—Bem clamava o Sr. Seixas contra a companhia do Quemado.

—Mas que ha?

—Si eu disser, dizem que é intriga, como em certo tempo se disse d'um cadaver que foi encontrado nos depositos d'agua.

—Mas enfim diga sempre.

—A agua vem presentemente do dique e ninguem pode bebel-a.

E' preciso que o povo se acautelle, por que vem tudo misturado com ella. A experiencia é facil de fazer-se. Deitem-na em um copo e verão o resultado. Não fica somente aquella costumada ferrugem; fica metade de liquido e metade de solido, alem de que a agua é esverdinhada, creio que por causa das folhas que se vão delindo nella. Parece que lagartos, cobras, jacarés e o diabo, quanta imundicie anda pelo dique, vem tudo para matar a sede deste pobre povo.

—Pode não ser assim.

—Ora pode não ser!

Capitão, experimente e veja.

Pois si a companhia já não quer ter trabalho!

Criou fama, e pensa que pode deitar-se a dormir.

—E a companhia é cuidadosa.

—E não tem philtros!

Encontra-se em caza dentro dos potes até sanguessugas pequenas e sapos, e sabe Deus quanto bichinho vivo temos comido, pensando ter bebido!

—Ora empine-se!

—Pelo que vejo V. Ex. é accionista.... ao menos.... a vontade tambem consola.

—Eu sou apenas amigo do barão do Queimado.

—Na freguezia do Principe dos Apóstolos.....

—S. Pedro?

—S. Pedro é o o principe dos apóstolos, mas o nome pelo qual é conhecida a freguezia é o de Principe dos Apóstolos.

—Onde?

—Em Lutronopolis.

—Continue.

—N'uma rua que ficava *debaixo*, havia uma modista a quem se chamava *Fede-árca*, e em sua caza morava uma infeliz menina de 11 1/2 annos de idade, de nome Silva-Auna.

Morava tambem alli um negro de nome Joaquim, o qual aproveitando uma vez a ausencia da dona da caza, commetteu o crime de estupro com a referida menina.

—E que fizeram as authoridades?

—Era onde ia eu chegar.

Nada, capitão de minha alma! cruzaram os braços, e fica desflorada a menina, e o negro solto!...

E isto capitão passa-se n'um paiz civilisado, n'uma sociedade moralisada, n'uma epocha de progresso!

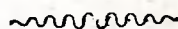
—Ah! foi agora!

—E quando havia ser?

—Mas V. já viu verdadeiro progresso, verdadeira civilisação, e verdadeira moralidade n'uma terra que tem por nome Lutronopolis?

—Ah! é verdade, capitão.

Agora o remedio é encommendar-me a S. Thomaz da Pereira.



—Os soldados de policia tem agora muita disciplina; hontem era um gosto vellos nos Afflictos; os musicos davam *embigadas* até nas senhoras, e os soldados atacavam a todos; houve delles que descompoz a um sargento—terrivel, miseravel e vergonhosamente, affrontando a quem para elle olhava.

—E' progresso, é progresso, rapaz.

—Mas o commandante é moralisado.

—O Silva Gomes o era, mas não servia para presidente.

—Dizem que os vermelhos do Freire é que fomentam os soldados.

—Tambem pode ser.



—Si não fosse tão cedo, não passava pelo Coqueiro.

Dous vultos alli; serão dous phantasmas? Que susto, meu Deus!

—Ora fomente-se! Phantasmas às sete horas!

São dous soldados de policia que estão tomando banho na fonte.

—A's 7 horas da noite! no Coqueiro! na freguezia de S. Pedro! na Bahia!

A policia agora é um portento.....



—O *maçarico* virou com effeito *coruja*, meu capitão.....

—Como sabe di t'?

—Ave de rapina nocturna que é?

—Oh! roubou o bicho?

—Levou um *anjinho* preso nas immundas garras e foi deital-o n'Agua de Meninos ou n'Agua Brusca.

—Em mau logar; è tempo de metamorphoses, hein podem os cavallos virar urubús e dar na carniça, porque julgo que o bicho matou o anjinho.

—Anjo não moure, capitão; tem este presentemente grande numero de adoradores que atrap lham o maçarico; poseram-lhe *tan a cousa á cabeça* que o bicho já não pode voar; está louco, leva a lamentar sua sorte junto ao tanque d'Agua de Meninos; nelle mira-se, enthusiasma-se depois, cre-se um boi, mas julgan lo pelo ta-mauho contenta-se em ser veado. Mas si quer correr, como veado, si quer voar como *maçarico*, sente de novo a *cabeça pesada* e lastima sua barbara sorte, seu negro fado.

—Esse bicho é de contrabando.

—Que duvida! veio da cidade de *Lins*, reino de Asneiropolis, e passou aqui no porto sob a protecção d'um *official de descarga*, de baixo de cuja farda o bicho se metia no Xixi.

—Só si eu nunca pegal-o!



—Ora ja se não pode com os cães!

—Dirija-se á policia.

—Como os moleques chamam os guardas mata-cachorro, julgo que não continuam.

—E eu, e todos que soffram!

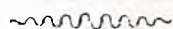
Por todas as ruas infinidad de cachorros!

E defronte alli daquelle vigario, que furiosa matilha!

Não se póde dormir na Fonte de Santo Antonio.

—São os assignantes do curral.

—Então é bom deixal-os, que ao menos fazem parte da limpeza daquelle estabelecimento.



—A epocha é de phenomenos naturaes.

—Que houve?

—Eclipse no gaz estas noites.

—Em tempo de lua cheia não é novidade.

LA VAE VERSO.

Ao Nelson oriental.

SONETO (PARAPHRASE)

Com um diadema de luz *na barra* entrava
Involto o *bravo* n'um famoso manto.
Lavrou nos peixes desusado espanto,
E a turba dos seris o rodeiava.

Grita um cação, e nelle os olhos crava:
«Quem és, que entre os galões fulguras tanto?
—Sou (lhe diz) quem surgin de vil quebranto
—E dous vapores lá quasi acabava.

—E' que o vento mudou no ceu rotundo:
—Si não fosse a distancia, o vento e a hora,
—Mettia todos dous logo no fundo.—

Ao ouvir tal, o cação suspira e chora.
O cação, o heroe do salso mundo
Ao Nelson dos seris inveja agora.

A PEDIDO

—Viram o poeta do *Jornal da Bahia*?

—Aquillo é um talento macho, isto é robusto.

—Aquillo sempre é cysne que fugiu da lagoa Stygia, algum patochoco-hydra que resuscita da de Lerne; em vez d'inspirar-se em Apollo, toma por nome a Momo e além da baba quando abre o focinho ou o bico, traz lama nas patas que a todos emporcalha e enjôa!

—Eu acho que V. está enganado; aquillo não será *raposa*, mas é por força algum *sarigué* que fugiu da espeluuca.

—Sr. escrivão, por *com-paixão* pague meu dinheiro.

—Não posso agora.

—E' a decima vez que aqui venho e o Sr. sempre me diz isto!

Uma quantia tão pequena!

Olhe, o dia em que o Sr. me pagar vou ouvir uma missa em louvor á *Nossa Senhora da Victoria*.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para um individuo que anda nesta cidade conhecido por Xico

Carteira, insigne soldado do olho vivo, o qual vive de roubar carteiras, relogios etc. com o que tem adquirido fortuna.

Este audacioso saltador esteve ausente desta provincia por alguns mezes, mas ultimamente voltou e continua em suas proezas.

Sr. Evaristo das Figuras para que anda Vm. insultando a pobre moça da rua dos Carvoeiros? Que mal lhe fez ella? Depois não se arrepende.

Quem me avisa meu amigo é.

O ceu despeja torrentes,
Cae saraiva em profusão,
La vae o navio a pique,
Medonho estoura o trovão.

Vem la rabudo cometa,
Do sol um eclipse ta,
E por fim até jã ouc-s
Em S. Paulo e Paraná!

E' que o ceu stá conspirado
Contra esta situação:
Morra a liga, um temporal
Paralyse esta fução!

Isto é serio? ora que bobos!
Querem comoosco brincar.
Vermelhos, vossês me deixem,
Vão-se embora, ou bugiar!

—O correspondente do *Jornal*, o —T— (que escolheu na verdade uma letra que lhe assenta a matar por não passar de tollo) deseja que se jogue a estocada por artigos de gazeta.

—O homem quando escreveu o artigo, estava de *cabeça inchada*.

—E diz isto, depois de censurar o *Liberal* que elle diz que promettera uma roda de pau a um despresivel que escreveu uma furiosa verrina contra o Exm. Sr. vicepresidente!

—Estava doudo, no mundo das *illusões*, ou então.....

—E fallam em mulheres do Caes Dourado e Grades de Ferro! Realmente certos vermelhos escondidos e *tenebrosos* não tem vergonha!

Roga-se ao Sr. L. A. A. empregado n'uma thesouraria, o favor de vir à rua dos Algibeles loja n.º 20 pagar um par de botinas que tomou, dizendo que vinha

no outro dia pagar e si não fizer n'estes tres dias verá seu nome por extenso em todos os jornaes da capital.

Caso interessante.

No dia 6 do corrente appareceu na ladeira da Ordem Terceira um homem que diziam estar louco, ser am 8 a 9 horas da noite. Disseram depois que tinha o diabo no corpo, pois dizia asneiras e chamava incessantemente por uma *Caboré*, e crava do Sr. Domingos Pacheco Pereira, que desde esse dia se acha ausente da casa de seu senhor.

Não é a primeira vez que se dão alli destes factos, sempre occasionados pela tal *Caboré* de connivencia com um negro, meador ao Maciel de Baixo.

Chama-se pois a attenção das authoridades, visto não ser pequeno o incommodo que soffre a visihança.

ANNUNCIOS.

—Sr. Querino!

—Eim Sr. Joaquim?

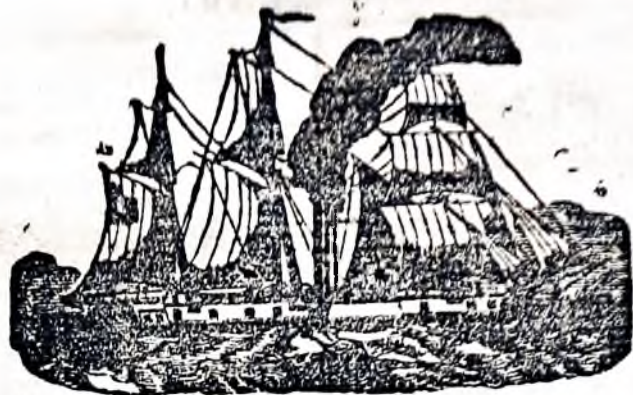
—Passe pelo largo de Nazareth e diga ao *Correia*, que vá pagar os \$8020 que deve ao Caes Dourado n. 73.

Pede-se ao Sr. Zezé Totinho da *ribeira* de Bragi que vá ao Caes Dourado 73 pagar 7\$ rs. que deve; do contrario será condemnado a um eterno banho na *fonte das pedras*.

Roga-se a um individuo que entrou na venda do Sr. Antonio Machado, ao largo da Saude, que vá deitar o carneiro do caixeiro da padaria que carregou com sigo no dia 8, e passou com elle pelo monturo da S. Francisco. si não terá o gosto de ver seu nome declarado por extenso.

Bahia 8 de novembro de 1864.
José Teixeira do Patrocínio.

Nesta typographia se indice uma mulher que se propõe a cozinheira.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.^a

BAHIA 18 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 156.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 18 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

Declaração.

O Sr. Benjamin Francisco d'Almeida nenhuma ingerencia tem com este periodico.

A redacção não se responsabilisa por tanto por qualquer transacção que o mesmo faça em seu nome.

A redacção previne mais que ninguem pague sinão à vista de recibo impresso aos Srs. Miguel dos Santos Prates, Lepido José da Rocha, João Baptista Sutél e J. C. da Penha.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de novembro de 1864.

Officio ao Exm. Sr. Inspector d'Alfandega, participando-lhe que ha certos coniferentes que ás 2 e 3 horas da tarde já se acham no ponto das gondolas para seguir viagem; o que prova que não ficam elles na repartição até a hora competente, sofrendo com isso o expediente.

—Ao Sr. subdelegado de S. Pedro para que dê as providencias precisas, afim de evitar que continue a andar pelas ruas dessa freguezia uma negra douda, que vive a proferir palavradas, a atirar pedra-

das e a por-se nua, reunindo em torno a si grande numero de molques, que fazem grande motim e assuadas.

Portaria ao fiscal da Conceição da Praia, ordenando-lhe que vá á rua Nova do Comercio e intime a certa senhora abi estebelecida que não continue a deitar lixo na rua, sob pena de ser obrigada a comprar um vaso de *louça*, de que alli se não sente falta, afim de *fazer sua limpeza* no mar, que fica perto. Cumpra.

—Capitão, não queria tocar n'um caso que se deu ha dias; mas como um dos campeões continúa a affrontar o publico com seus escandalos, não ha remedio sinão empregar meios de corrigir o desfructavel.

—Então que ha?

—Negocios de chicote lá para as bandas de Santo Antonio.

Mas não sabe quem são os protogonistas Um é um tabareu de Sergipe, e o outro veia do estreito de *Magalhães*. Este segundo que foi quem accommettea o outro, cantou de gallinha: para correr não pede licença, è sem equal!

E esse desfructe na vista da bella que assistia ao duello!....

Ao menos foi um divertimento para aquella insipida freguezia, a rapazeada morria de riso.

—E que *segundo* è esse?

—Um que vive feito *padeiro de Braga*, a fazer tijollos com *barro*....

—Havia ser com *arêa*.

—Ouçã, capitão. E o que admira é que o dono do *barro*, onde está plantado um *loureiro*, ainda não tenha dado pela cousa; apesar de que dizem que elle vê, mas faz que não vê.

—O Sr. vae mudando de historia, quer tratar de negocios *intimos* e não admitto.

—Paciencia; o que è certo é que o negocio é publico e bem publico. Toda a rua da Conceição, ao menos, o sabe.



—Ora deixe-mr, capitão!

—Novo systema de dar noticia.

—Pois andei pela cidade toda e nada a-diantei!

—O *coronel* não é assim.

—Sou-o eu, porque sou infeliz. E a graça è que para affrontar-me, para mais reavivar meus infortunios, encontrava de quando em quando uma caza com o distico de—caza-feliz—

Ora vão ser felizes no diabo!

—Mas que cazas são essas?

—São felizes-la nada!

Qualque b.boca, qualquer vendola, qualquer geringonça, onde se vende linhas e dedaes, cadarços e bilros arroga-se o titulo de *feliz* porque vende bilhetes brancos!

E' o que se chama cassuar com o publico, no rigor da palavra.

—Então ficou desanimado com tão pouco? Porque não entrou nas grandes e zas, nas grandes lojas, nos grandes estabelecimentos! Havia d'encontrar por *la* alguma cousa por força.

—Tem razão, capitão, vou fazer uma visita á caza *das simplicidades* e trar-lhe-hei bellas gentilezas.



—Capitão, peguei o *maçarico*.

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Tira o encanto deste bicho.

.....

—Capitão, misericordia!

Ja estou muito martyrisado, valha-me por S. Manuel!

—Ja falla; vamos ao interrogatorio.

Como te chamas?

—Firmino.

—De que vives?

—De *descarregar*.

—Que posto tens?

—Official.

—Donde és filho?

—Da cidade de Lins.

—E's cazado ou solteiro?

—Cazado.

—Cazado!.....

Muxingueiro! continua!

—Ai, capitão, por quem é!

—Fogo!

—Que terra! que costumes! que gente!

Capitão, eu não sabia que era prohibido ter mais de uma mulher!

Ai, ui! ai!



—Ora que melcorio!

Pois este patife, este ladrão não tem o desaforo de dizer que só ha d'entregar a administração do casal que rouba, quando quizer! Não diz que sente ter um filho maluco, sinão passava-lhe a administração!

—Quem, este patife?! —

—Sim; este desavegonhado, que ainda tem animo de olhar para mim.

Safado, si eu tivesse teu genio, fazia já em ti uma *matança*!

Muxingueiro, faze ficar vermelha a cara deste biltre!



—A proposito da correspondencia do *Jornal do Commercio* sobre as fortalezas da Bahia, sabe d'uma novidade?

—Não.

—E' que os habitantes da Barra estão á procura d'algum menino engenhoso que fabrique umas peças de papelão para substituir ás da fortaleza de Santa Maria.

—Ora viva!

—E pretendem pôr em leilão as que actualmente servem, assim de com o producto da venda mandarem reconstruir a fortaleza do Rio Vermelho, visto que o Sr. barão esqueceu-se da promessa.

—E' porque o homem ainda não teve

destas lembranças; simão... era mais que sufficiente a classica *Foco*.

—Na *Estrella de Ouro*...

—*Estrella de Ouro* é a *Bahia*.

—Est e la do Norte e tu é a *Bahia*; mas sim, ha uma venda, cujos agentes são uns refinados ladrões.

—Na *Bahia* ou em *Latronopolis*?

—Em *Latronopolis* que é a *estrella de ouro*, do arranjo.

Os maganos recebem d'um menino inexperto dous mil reis, mettem-os na gaveta e... o dono que tracte de arranjar outros. Recebem d'uma mulher dez mil reis por dez tostões e quando se reconhece o engano, não ha como arrancar-lhe o dinheiro das unhas.

—Destes ha muitos em toda parte.

—Mas ficam sem castigo?

—Determine qualquer coisa.

—O que ha de ser, capitão? O muxingueiro. Em cada uma daquellas ratazanas cincoenta calabrotadas por hora.

—Pois vá que seja.

—Que grupo é aquelle alli na ponte da *Companhia Bahiana*?

—E' uma sucia d'*estrangeiros*, nossos tios, que estão a fallar do governo actual.

—E que individuo é aquelle que falla?

—E' um velho tenente reformado que defende o governo, extranhando a petulancia daquelles biltres, que por acinte a elle assim procedem. Mas os maganos desculpam-se e dizem tractar da crise bancaria.

—Patifes!

Muxingueiro, váe à cidade baixa, repara naquelles malandros, mette-lhes a taca, e traze-os para bordo.

—A rua do Pogo é uma das melhores de Itapagipe; uma das mais procuradas para quem quer passar a festa fóra da cidade. Entretanto a companhia do *Gaz*, o governo, ou quem quer que seja, intendem que não precisava ella de iluminação, apesar das innumerables e repetidas reclamações dos moradores dalli e da imprensa!

—E o Travasso? O mais prompto e facil

caminho do *Boudim* para o *Papagaio*, *Rozario*, *Pogo*, *Ribeira* etc.?

—E' malhar em ferro frio. Inglez aqui só não faz o que não quer.

—Ora espereiros na administração que começa.

—V. pelos goitos é ligueiro.

—Todo presidente quer os melhoramentos do paiz, e é justamente o que eu quero.

A PEDIDO

—Quem é aquelle marreco que está tão afflicto?

—E' o gerente de certa caza de negocio que quer á força subtrahir as partidas da conta de um procurador, fugindo que não intende o que está escripto.

—Ora elle que pague e deixe-se de historias, por que nós estamos em terra onde nos conhecemos.

—Que moleque esperto! como é subido e lettrudo!

Deseja-se saber que fim levou um membro do olho-vivo, conhecido por Amorim Linguinha, fugido la das bandas do curral do conselho. Dã-se 30 rs. a quem o pegar e levar a certo escrivão.

E' baixo, sem dentes, trapalhão e fallador.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

Pede-se de novo providencias contra o candomblé, sito ao Dendezeiro, caminho da Armação.

Ha alli innumerables mulheres, presas em diversos quartos (a titulo de cumprir certos *preceitos*,) d'onde não podem sair depois de seis mezes.

Aqui na cidade, ás portas da *Ribeira*, uma parda de nome *Pacifica* é a principal agente.

Consta-nos que no domingo, uma infeliz de quem ja comeram 500\$ rs., tem de levar um boi para o sacrificio em que se tem de consummar o seu restabelecimento do feitiço que lhe botaram.

Estes e outros factos que escandalisam o publico e depoem contra a moralidade de nossa terra, devem quanto antes desaparecer; o que se espera da moralidade e energia de S. S.

Um que não gosta.

Mais depressa se apanha um mentiroso que um coixo.

Lendo o *Jornal da Bahia* de 12 do presente n. 5587, nelle deparei com o artigo *vinganças eleitoraes*, assignado o *Itapagipense*, que diz que o subdelegado da Penha de mãos dadas com o alferes Arruda, está prendendo e recrutando!!... Felizmente é uma falsidade, filha justamente da parcialidade vermelha daquela freguezia, que não tendo com que accusar, e deprimir o energico Sr. subdelegado que ha tantos mezes se acha em exercicio, agora quiz com o falso pretexto de recrutamento investir contra o honrado Sr. Hermenegildo que fiel aos principios liberaes e progressistas do partido actual tanto os incomoda.

Mas quando se accusa uma auctoridade com a mentira, em vez de desacredital-a, mais a robustece, por que da falsidade se tira a conclusão, de que a auctoridade está procedendo na orbita da lei, e cumprindo seus deveres, tanto que não tem dado motivos com que seus pequeninos inimigos o accussem, e só servindo-se, da intriga e falsidade, armas dessa facção, quizeram como cães damnados mordel-o. Ainda desta vez, poreu perderam seu tempo, porque a verdade não pode ser offuscada pela vil calumnia servindo antes de ser a defeza do accusado.

Outro itapagipense.

Ao Sr. Subdelegado da Conceição da Praia.

Chama-se sua attenção para uma caza de jogo nas Portas da Ribeira, a qual figurando de hotel, não é mais do que um *calogi* onde se reuñem marinheiros, soldados e malandros que provocam desordens e exhaurem o suor de alguns incautos que attrahidos pela fama de algum lucro vão alli perder-se.

A ribeira do hotel.

ANNUNCIOS.

Procuração bastante a Epiphânio José da Costa Santos para cobrar de um sujeito em Itaparica a quantia de 3\$100, que deve ao Caes Dourado n. 73.

O abaixo assignado declara que d'ora em diante assigna-se por João Baptista d'Oliveira Nogueira, por haver outro com igual nome.

João Baptista d'Oliveira.

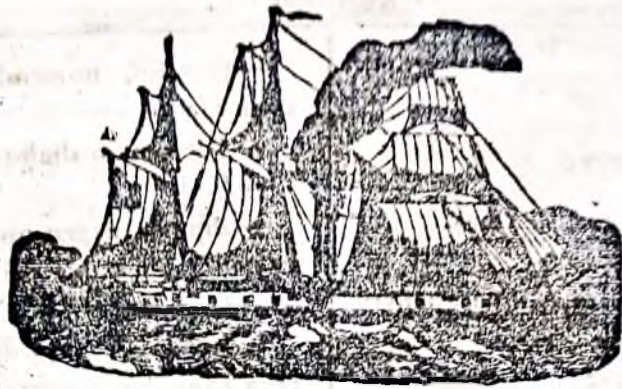
Sr. Maneca Julinho das Silvas, por Santa Barbara, va pagar os 4\$200 que deve ao Caes Dourado n. 73.

Quem precisar de um criado para fora da provincia ou mesmo do imperio, procure nesta typographia que se lhe indicará um excellente rapaz.

Precisa-se alugar uma caza, para pequena familia da Mangueira do Pilar ao Bom Gosto, ou entao nas freguezias da Sé, Rua do Paço e Santo Antonio; a tractar nesta typographia.

Relojoeiro.

Januario de Amorim Vieira declara que abriu a sua caza de trabalho á rua dos Ourives n. 4 1.º andar. Aprompta todo e qualquer relógio com brevidade de tempo e por preço commodo.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.^a

BAHIA 19 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 137.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

Declaração.

O Sr. Benjamin Francisco d'Almeida nenhuma ingerencia tem com este periodico.

A redacção não se responsabilisa por tanto, por qualquer transacção que o mesmo faça em seu nome.

A redacção previne mais que ninguem pague sinão à vista de recibo impresso aos Srs. Miguel dos Santos Prates, Lepido José da Rocha, João Baptista Sutél e J. C. da Penha.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de novembro de 1864.

Officio ao Sr. commandante do batalhão de Caçadores, participando-lhe que ha no seu batalhão um guarda de nome Ildesonso que vive a comprar desordens; insultando aos compaubeiros, investindo contra elles com armas, e atterrando aos paisanos pacificos; sendo que ainda a 14 do corrente entrou n'uma venda ao Quartel da Palma, n. 59 e querendo à força entrar em certa conversa, puchou de uma grande faca, com que quiz accometter aos presentes e ao camarada, do tenente Orwindo a quem ameaçou com morte, *graça* que não effec-

tuou a esforços de um bondoso e intrepido coração que o livrou do abysmo.

— Não ha duvida, esta companhia do *Gaz* é cassuista.

Manga em cheio com o publico.

Principia a illuminação às 7 e 7 1/2 da noite quando o contracto diz que será ao pôr do sol, e às 4 1/2 da madrugada já não ha um lampeão acceso.

E que luz! Anda-se a quebrar as ventas por essas ruas esburacadas; por que os accendedores são cautelosos em reduzir a forçada luz a condições microscopicas.

Ha ruas em que, apesar de estarem os lampeões accesos, parecem immersas em trevas; outras em que só se accende metade delles.

— Isto é materia velha; pensei que ia adiantar alguma cousa nova.

Vm. não sabe que o pau que nasce torto tarde ou nunca se indireita?

— O regulamento organico não prohibe os castigos physicos nas scholas?

— Sem duvida.

— Pois a professora do collegio Santa Cl. re deu hontem em uma menina de 6 annos 22 bolos.

— Isto é fabula. Não creio.

— Ora não se admire, porque uma outra menina ja levou 40.

—E Vm. viu isto?
—Não; mas contaram-me.



—Ora venha cá, homem de Deus!
—Mau vae o negocio...
—V. tem tantas mazellas n'alma quantas feridas tem um *luzaro* no corpo.

Porque se não corrige?
Que *vermelho* é V. que não córa?
Porque não paga ao Manuel Duarte aquelles chorados 500 rs.?

Pois o Floro não tem necessidade daquelles oito bicos, valor do chapéu com que V. impostura?

Ora não me faça vergonha!
Aquella amavel letra do Leal quando pretendê V. pagar?

Tres mezes ha que está vencida.
E depois que vida é esta?
Quer que lhe falle na irmã daquelle seu amigo que V. quer deshorrar?

Nas promessas que lhe tem feito quando a *velha* morrer?

No que se falla de V. e della?
Quer que lhe conte particularidades das freiras?

Si quer, Sr. *Candido*, faço-lhe a vontade.
(*Continua.*)



—Capitão, contaram-me um caso que não garanto.

—Qual é?

—Ha no Passeio Publico um guarda invalido, insupportavel; descompõe a quantos ali entram. Um dia destes, entrando alli alguns estudantes e tirando um nin jambo, o guarda foi de pau em cima que era um gosto vel-o.

—Que *invalido valido*!

—E o Dr. Souto, dizem, em satisfação aos brios do militar, mandou cortar o jambeiro e deital-o ao chão.

—Foi para aperfeiçoar o Passeio.

O Dr. veiu do Rio, traz seus usos, e como lá não ha grandes arvores, é preciso que a Bahia o imite.

—Ab! só si é isso. Eu bem disse que não garantia o facto.



—Diabol! Esta fonte do Coqueiro é *mal-assombrada*!

—Que foi, homem? Anda V. sempre com *vileias*!

—Alli vem o diabo coxo!

—Onde?

—Aquelle negro que vem alli; é meia noite, a hora dos demonios...

—Ora viva!

E' um preto velho do Pompilio que carrega agua das 9 horas da noite ás 2 da madrugada.

—Que susto!

—Poltrão! E além de poltrão supersticioso.



—Si me não der 300 rs., levo a vacca para o curral e tenho mais.

Está dito, *papae*.

—Menina, dá 300 rs. a ten irmão!

Boa graça! Quando quer dinheiro para suas extravagancias, amarra-me o gado e tem feito!

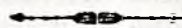
Reu de policia!

—De quem é a culpa?

—E' minha, por que sou seu paé; mas tambem é culpado quem faz a um tratante desses sargento da guarda nacional.

—Esta Cruz do Cosme tem cousas!

Autes fosse seu patrono santo *Olavo*!



—Ora deixe-me com as obras da camara! Em toda parte monturos, monturos e mais monturos! Não se pode estar em caza ou à janella!

Tanto cisco! tanta poeira!

Onde nunca se viu calçadas neste gosto?!

—Homem, por fallar em calçadas, estou tractando de arranjar um requerimento em que se pede á camara o descalçamento total de certas ruas, visto que não pode ella mandar calçal-as de novo.

Quem negará por exemplo que o Taboão ficará em melhor estado quando chover?

—Sim, sim; eu acho boa a lembrança.



—Que fedor!

—Que palavra feia!

—Mais feio é o que ella significa.

Não se pode! Trampa, trampa e mais trampa! Nas ruas mais publicas, mais transitadas, trampa! Na propria Praça de Palacio trampa!

E agora este fedor aqui, na Recebedoria, demonstra que tambem ha *cousa*.

—E ha sim; ha no pateo da Thesouraria Geral uma cloaca, cujo fetido ninguem pôde supportar, quer em tempo de calor como este, quer quando chove; e ha tambem, dizem, uma outra particular do Sr. administrador da Recebedoria que é isso que Vm. está sentindo.

—E eu que quero sellar este papel e não ha quem me despache!

—Muito tem que esperar. Veja que até o contiuuo do carimbo sahio, a mandado talvez.

—O Estado tem um grande *deficit*, é preciso fazer economia, reduzir os empregados.

—E eu que pago imposto forçado que pague ainda o de perder meu tempo!

—Não ha policia na Conceição da Praia.

—Quem lhe disse?

—Não se encontra uma patrulha.

—Está descansando, ou se recreiando em caza d'alguma filha de Jerusalém.

—Então vamos hoje melhor de noticia?

—Nada, capitão. Encontra-se uma vez ou outra algum moleque que atira pedras, algum estudante que *beta* doces, alguma mulher que descompõe ou fere a outra, algum caixeiro que namora, algum padre que seduz, algum soldado que provoca a quem passa etc. etc; mas tudo isso nada val.

—Pois o *coronel* dá a todas essas ninharias um valor grande.

Ahi está que acaba elle de referir-me dous factos, presenciados por elle no largo da *Cruz Grande*.

O primeiro é um menino livre que, diz elle, carrega cinco barris d'agua por dia para a caza de certa viuva, parenta do *Daltro*.

O segundo é um capitão de navio que pretende recrutar para bordo uma *muchacha* da caza do Dr. *Poderoso*.

—Capitão, destas sei eu aos centos. Quer V. Ex. que eu lhe diga uma *cousa*? O seu *coronel* tem cahido completamente, merece baixa no posto.

—Que homem é aquelle deshumano, que depois de amarrar um carneiro, pelos queixos n'uma grade de ferro dos dos talhos de S. Bento se ufena em maltractar o pobre bixiubo com calabrotadas?

—E' um Fertabraz, um valentão de patente, um Roldão de meia cara, que não soffre o mais pequeno *insulto* d'um carneiro.

—Com effeito, quem assim pratica tem uma alma pequenina; calabrotadas merecia o stupido carniceiro.

—Conhece o *Baculhao seco*?

—Oh! importante firma!

Tenho bellos apontamentos do *cujo*.

Foi ordenança, antes meiriubo, antes sa' christião, a principio *menino do choro*.

—E é um chefe!

—Valha-me S. *João Baptista*!

—Valha-me antes N. S. *dos Anjos*!

—Que sujeitos são aquelles alli ao largo de S. Domingos?

—Não os vê de escada ao hombro?

—Vejo-os; vão dar algum assalto?

—São os accendedores do gaz, que poem-se a pateiar a quem passa.

—E' isto que não encontram quem lhes tome as escadas e faça uma escalada na fortaleza das Ventas.

A PEDIDO

—Ora em que havia de dar o *Jornal da Bahia*, ha dias d'esta parte!

—Em que? Virou a casaca?

—Não; mas só vive a zelar os interesses do partido liberal, querendo dar passaportes, fazendo classificações de partidos e partidarios, e finalmente teve o displante de dizer á face da Bahia que o Sr. Dr. Luiz Antonio não é liberal, e que não pode como tal fazer uma boa presidencia.

—Não admira, o *Jornal* anda sempre com peneira nos olhos quanto a politica; os seus proprios correligionarios são os primeiros a sustentar que o *Jornal* faz politica por sua conta e risco, e que por tanto não é organ de partido algum.

—Deveras! Pois o *Jornal* já não é *vermelho*?

—Pouho minhas duvidas; depois de certa cousa que li creio que o homem como escriptor não tem firmeza de *rocha*—e de mais—agua fria em pedra dura tanto dá até que fura.

—Logo o *Jornal* é liberal.

—Si não é, parece; tanto que hontem se deo ao trabalho de *copiar* o discurso do Urbano, e mimosear a seus leitores.

Pede-se ao Sr. subdelegado da Sé que mande metter na Correcção nma negra que ha no Cantão de João de Freitas, que costuma sentar-se á noite na porta do marceneiro Praxedes, a qual tem o engraçado divertimento de empurrar as pretas que passam com carregos e atir-las ao chão brinquedo que ia tendo graves consequências na noite de 17 do corrente.

Pede-se ao Sr. subdelegado de Sant'Anna que mande trancafiar n'alguma gaiolla de ferro uma fera humana que anda solta pelo becco do Aracá, na rua do Castanheda, a qual hontem ás 4 horas da tarde estrefegou com os dentes um menino, deixando o todo ferido.

Pede-se ao guarda marinha pedestre Guilherme que vá a rua do Bacalhau e intime a uma mulher de nome Maria Agostinha da Conceição que costuma provocar e insultar as pessoas que por alli passam para que não continue, sob pena de ir para o batalhão da mata-cobra.

ANNUNCIOS.

Ao publico.

Acaba de chegar a celebre companhia de campanologos calculistas portuguezes,

denominada *Familia Leite* o dá sua primeira representação no dia 17 do corrente.

Esta familia torna-se notavel por não ter olhos, cabeça, nem braço.

THEATRO DO SERAPHICO PINTO.

FAMILIA LEITE.

Companhia de Campanologos Calculistas Portuguezes.

Depois da orchestra, intitulada *entrada*, seguir-se-ha a representação da comedia em um acto, producção portugueza:

O erro, origem do calculo.

Seguir-se-hão as seguintes variações:

- 1.^a A Walsa—*os antolhos do futuro*
- 2.^a A Quadrilha—*vudios e preguiçosos.*
- 3.^a A applicação do remedio ou o relatório.

Terminará o espectáculo com a comedia em um acto

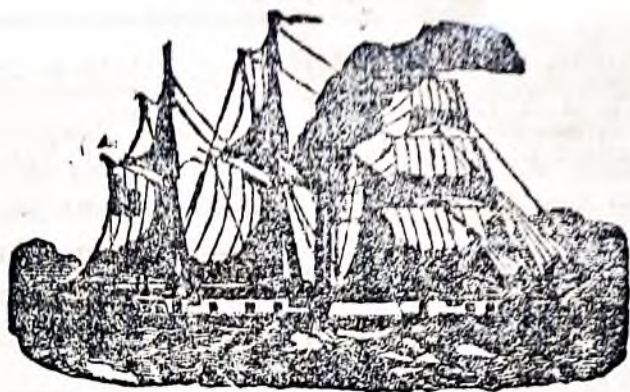
A PANCADARIA.

Principiará sempre das 9 e 1/4 ás 3 da tarde.

Pede-se ao Sr. José d'Avó de Christo que mora ao pé d'uma fonte feita de pedras que vá a liquidar seu debito ao Caes Dourado n. 73

Chama-se a certo sujeito que se inculca de moi devoto de S. José e que panda sempre com o *Seberino* para ir pagar os 27\$760 que deve ao Caes Dourado n. 73; S. m. deve praticar boas obras porque mora n'uma rua de *Mizericordia*.

Precisa-se alugar uma casa, para pequena familia da Mangueira do Pilar ao Bom Gosto, ou então nas freguezias da Sé, Rua do Paço e Santo Antonio; a tractar nesta typographia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª

BAHIA 22 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 138.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 47 a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 21 de novembro de 1864.

Acto.—O capitão do «Alabama,» tendo em vista o bom andamento de seus negocios, nomêa pelo presente ao aspirante João de Deus, para servir interinamente o lugar do guarda-marinha Guilherme, em quanto durar o impedimento deste.

Ordena por tanto que neste sentido se expeçam as necessarias communições.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando a attenção de S. S. para o crescido numero de casas de jogo que actualmente existem nesta cidade, principalmente nas freguezias da Sé e Conceição da Praia, casas essas que são origem de não poucos crimes e desgraças, pelo que torna-se necessaria uma medida energica que ponha um paradeiro a semelhante praga; com o que se tornará completa a excellente administração de S. S. na policia.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe que na rua da Laranjeira, casa immediata á de n.º 130, moram alguns homens e mulheres que vivem em continuados alarmas, e que ainda no sabbado por occasião de um dos taes cavalheiros espancar a sua Dulcinea, esteve a visinhança sobresaltada com os gritos e alaridos da mesma.

Portaria ao fiscal de S. Pedro, ordenando-lhe que vá á rua Nova de S. Bento e faça cumprir a lei quem quer que seja que alli cria innumerous porcos, os quaes andam á toda hora pelas ruas da freguezia. Cumpra.

—Hoje é segunda-feira; 21 de novembro de 1864.

E si eu contar o que vi hoje ninguem acredita

—Mas que foi? Porque?

—Porque? Porque é escandaloso que se dêm desses factos n'um paiz civilizado e christão.

Que foi? Ainda uma cousa semelhante a muitas outras que por ahí andam; parece que nesta terra não ha estabelecimentos pios. Outro dia era uma

mulher sem poder andar, que o Ariani acolheu; outra deitada à ladeira do Pilar a levar pedradas; outra na ladeira da Soledade mettida nos matos, e outra e outra e mil outras.

Agora, chovendo, fazendo este insupportavel frio, lá está deitada em uma esteira, em S. Francisco de Paula, uma pobre mulher, muito feliz sem duvida por ter o telheiro em frente da capella que a resguarda da chuva!

—Ora V. ainda não viu miseria. Vá á Europa, visite Inglaterra, França etc. e ficará horrorisado.

—Ah! então devemos tambem ter disto? Devemos ter doentes pelas ruas porque a França os tem?

Pois então annunciemos que é uso francez.

—E' porque não ha policia nesta terra! Sinão não havia taes gazetinhas!

—Serio, Sr. Linguinha?!

Si houvesse policia, ha muito que V. não andava de punhal e cacete ameaçando a todos.

Si a houvesse, ha muito que uma calceta o teria feito papagaio.

Si a houvesse, ha muito que lhe teriam frito a lingua, ou cortado pelo cabo.

Si a houvesse, os ladrões, quer fossem os ratoneiros do olho vivo, quer fossem os inventariantes fintrusos, estariam sem duvida de barril ás costas e com a fronte marcada.

—O que vale é que este é conhecido pela boca.

—O noticiador do «Jornal da Bahia» tem honras de papagaio.

—Falla o que ouve fellar, ou gosta de palra?

—Talvez, mas não se tracta disso. E' que o homem não bebe agua.

—Como sabe?

—Diz que a agua do Queimado ja está melhor.

—Ora! O homem sem duvida é amigo da companhia.

—E' que os philtros que faltam ás aguas, pol-os elle nos olhos por peneiras.

—Como anda aquelle menino tão maltratado!

Não sei como os paes o deixam andar assim na rua!

Descalço e todo roto!

—V. Ex. engana-se, aquelle pobre menino é orphão.

Consta que o pae deixou-lhe alguma cousa com que se podesse educar, mas...

—Quem é seu tutor?

—Dizem que é um sujeito que anda entre *arvores e silvas*.

—Estes homens, ainda estando ás portas do morte, não se lembram que tem de dar contas a Deus.

—Vê Malacachias como está *amante da liberdade*?

—Sempre o foi; ao menos sempre o conheci *patriota* de 2 de Julho.

—Não é aquelle patife que me engana! Elle que protege as mulatas, é que alli ha cousa.

—Engano; elle que accusa o *velho* é que é instrumento d'algum inimigo rancoroso.

—Tambem foi cousa para que sempre o reconheci com geito: manivella ou manequim.

—E o que é certo é que em toda a questão se acha envolvido o cujo. Safa...!

—....Do!

—Ora *Lulú*, que beneficio deu V. em favor da *Pão com manteiga*?

—Em favor não; contra ella sim.

—Mas aquillo tem termo? Não seria melhor que *aquillo* com que V. untou a porta da rapariga, guardasse para fazer sua *varella*?

Diga, *Cazuza*, V. não se lembra de que quem tem telhados de vidro não atiras pedras?

Safa! além de safado, ainda mais debochado que fr. *Bastos*!

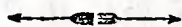
E que companhia é a sua?

Aquelle Sr. Innocencio, aquelle Sr. Hdefonso que diabos são?

—Boa gente, capitão, muito boa gente.

—Quanto malandro!

Muxingueiro, esta gente é tua; avia-te.



—Festeja-se amanhã, em Francisco, a padroeira dos musicos, santa Cecilia.

—Dizem que ha festa arrojada.

—Fogueiras, illuminação, foguetes, musica na porta não hão de fallar.

—E no interior, vespuras, matinas, sextas, novas composições musicas executadas, missa cantada, sermão ao evangelho e à noite ao Te-Deum.

—E no fim da historia o competente fogo de planta.

—Como estão exaltados os musicos!

—Palacoada!



—Mais uma gazeta.

—Qual?

—O «Critico.»

—E' critico?

—O nome o diz; é tambem chistoso e litterario.

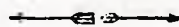
Por «litteratura» traz o «dinheiro,» por «chiste» um juiz venal.

—Clá!....

Requerimento modelo d'um subalterno ao superior.

Illm. Sr.—Por me achar estragando, de afflictivo vexame, em consequencia de dosejar passar o dia de amanhã; no Contacto de minha cara familia (venho solicitar) da preclara destirilidadade de V. S. assim de que V. S. me conceda a Reação de minha recente emperassão! E por estar conquitado das culminante presiltude de que que V. S. é matis fico na espequetativa; desta ressepição, hindo as 6 horas da manhã e Voltando as 6 horas do dia surgenti.

'CAPINI DE CAPIU'.



—Olá, Sr. bregeiro, chegue á falla!

Então tiveste o arrojo de tomar satisfação a um homem de bem!, por escrever contra ti como artista?

E ainda pretendes tirar uma empreza a um nacional? Pois logo não vês a differença, que *toi* não tem crina e cavallo não tem *chifre*?

—Oh! perdão, a causa de tudo isso foi minha *cara metade*.

—Cala-te, miseravel! pois ainda tens animo de fallar em tua *cara metade*...

—Mas a *madre Leopolda* tambem teve parte nessa intriga.

—Muxingueiro do «Alabama» refresque-me esse tratante com quatro calabrotadas, e apare-lhe as pontas.

E tu, toma sentido, que *ellas* não tornem a crescer...

«Bode racional, veado humano...



—Que cerca é esta aqui no;Rosario?

—E' o palanque para a musica.

—Sem escada nem taboado! parece mais um poleiro de gallinhas.

— Não houve dinheiro para se acabar.

— Admira, por que só as crioulas tiraram do esmolla, dizem, 600\$ rs. no cidade baixa.

Capitão, V. não viu no theatro, o S. *Joãosinho* do luneta vindo d'Almeida para dar boas *Novas* juncto de *ais*?

Não vi.

Pois lá estiveram de vis a vis na forma do louvavel costume, elle todo matreiro, e ella toda faceira lembrando-se do passado, e esperando pelo futuro.

Por S. *José* e o marido não vê? não está junto?

Ora, capitão, não se póde ser casado nesta Latronopolis onde as mulheres não tem consciencia de tanto carregarem os maridos.....

AS FRIZAS NS. 1. E 2.

E' muita mentira! Para que anda a inventar cousas? Não sabe que assim, meu Cazuzza, V. mente com prejuizo da gloria alheia? Para que bade estar a pregar asneiras? A cadeira do throno que João Gonsalves Ferreira offereceu à Imperatriz foi feita pelo artista brasileiro Antonio Manuel de Magalhães Requião e pelo allemão Bernardo Holtr, o primeiro como esculptor, o segundo como marceneiro. Tem ouvido, meu Dr. das petas? Era uma obra prima, de sebastião d'arruda, com lindissimas esculpturas; consta-nos que foi para a exposição de Londres.

E a graça é que o artista, o Requião, está trabalhando no arsenal de marinha como modelador de maquinas, sujeito á disciplina de outros!

— Ora, viva! empine-se, retire-se, moleque mentiroso!

Atten, ão! Attenção !!

Pede-se ao Sr. subdelegado dos Penhascos das Areias que preste alguma attenção para a rna do Poço onde por «innocencia» uma cabra velha, presta sua casa para a gorducha «mana» receber suas visitas, com offensa da moral publica, e sem respeito ás familias honestas que alli moram, e muito se queixam não só da «innocencia» da tal cabra, como da força de «spirito» do macacão irmão da bixa; por que este noite e dia vive a proferir em altas vozes palavras obscenas, em retribuição ás da mesma especie com que o bria da famosa enredadeira, sua amasia.

Si não houver providencias que façam cessar o meio de vida que com tanta «innocencia» adoptou a cabra velha refugada, continuaremos a reclamar a attenção das authoridades, até que dêem o conveniente destino a visinhos tão immoraes, pois não é justo que além do exposto, uma «mana» conserve dentro de uma cerca de pontas seu irmão Gaspar que para não ir ao tronco mostra-se contente, cantando sempre a seguinte modinha:

Embora a mana me prenda,
Hei de dizer a verdade:
Ella é boa, ella soccorre
A quem tem necessidade.

UM VISINHO.

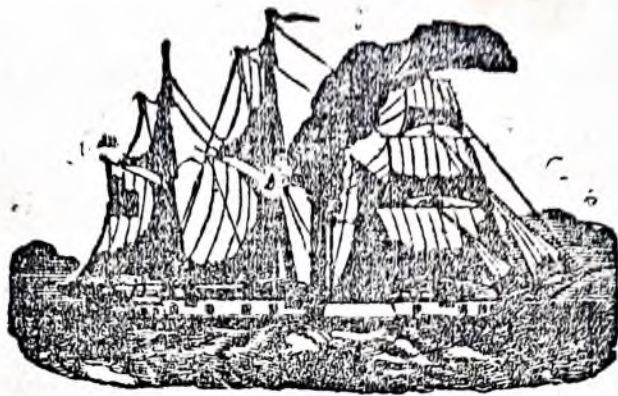
ANNUNCIOS.

Na publicação do «Alabama» n.º 132 que trata de um candomblé sahio entre os nomes dos que la vão um tal Manuel Gregorio que não devem confundir com

Manoel Gregorio da Paixão.

Roga-se a um certo Tenente Festeiro que tenha a bondade de mandar as duas mangas das arandellas que pediu emprestado, visto o dono estar resolvido a não perde-las, do contrario verá o seu nome por extenso, e o procedimento que teve para com quem lhe serviu de tão bom grado.

O Filho do Paço.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.^a

BAHIA 24 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 159.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17
a 40 rs. por serie de 10 numeros, pagus adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do
«Alabama» 23 de novembro de 1864.

Officio ao Sr. Dr. delegado, participando-lhe que nas Portas da Ribeira ha uma casa que dizem pertencer a um Sr. Domingues onde costumam reunir-se diversos membros da companhia do olho-vivo para certos jogos illicitos a que dão o nome de «gamados» e onde na semana atrazada foram depennados dous individuos, sendo elles um pobre homem chegado de fora e o outro um militar que recebeu a competente gratificação; os quaes foram levados áquella casa pelo Dyonisio D. Ratão, o Silvestre e Viegas, insignes membros daquella companhia, e já muito conhecidos nos annaes da policia, sendo este ultimo indigitado como connivente no «golpe» que dera hontem o Xico Carteira em S. Francisco.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias contra um grupo de capadocios que ajuntam-se todas as noites na rua da Larangeira, esquina

que volta para o Maciel, os quaes com suas immoralidades e escandalos prohibem que se possa por alli chegar á janella.

—Morreu o «Echo do Norte»?

—Não; tem de ser impresso na typographia do Pedrosa, visto que a do Marques, Aristides & C. é de paschins.

—Como estão os liberaes inimigos de paschins!

—Tanto que o Luiz Alvares nem quer lá mais entrar.

—E o Igrapiuna?

—Este é «um pobre diabo,» um dos donos da prensa paschineira, cujo contacto desacredita e pollúe os «liberaes.»

—Esqueceram-se do «Povo»? da «Faisca»? do «Papagaio»? do «Casca-vel,» onde só se tractava da honra d'um presidente? do «Marcos-Mandinga,» onde se discutia a «cor parda» de outro?

—E agora mesmo do «Sino de S. Pedro», do «Echo Liberal»?

—E da «Serpente» que sahio da typographia do Pedrosa.

—Entretanto o «Mucio Scavola» falla em partidarios que mancham a bandeira, quando todo mundo sabe que um dos amigos do Sr. Luiz Antonio foi o redactor do «Cascavel».



—Ora os musicos não estão zangados com a noticia da festa de santa Cecilia!

—Porque?

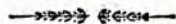
—Por fallar em «patacoada».

—Não diga isto; é uma injuria que V. faz á intelligencia de certos musicos.

—Não, homem, são cousas do Malacachias que andou hontem a adulterar o sentido da palavra, a envenenar a noticia que até foi dada a pedido.

—Olhe que o Malacachias é dos diabos! Safa!....

—... Do!



—Não sei de que servem os fiscaes! Só mulctam a negras quitandeiras, com quem não tem contracto.

—E' uma injustiça á classe.

—Que injustiça! Ha excepções, é verdade; mas que elles tomam cinco mil reis mensaes dos carneiros, vendelhões etc. etc. é cousa sabida.

—Mas que ha?

—A ladroeira dos açougues.

—Explique-se.

—O «cavallete».

—Peior.

—O «correr coco».

—Ora pecegos! Si quer dar a noticia, dê-a em termos.

—Ouça, capitão: O cavallete é o gancho que prende as correntes das conchas, montado por cima do braço da balança.

—E o «corre-coco»?

—O correr-coco é o peso pregado com cera por fora da concha, onde ha sempre pesos.

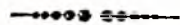
—Mas que mal faz isto?

—Nenhum; é que quem compra cinco libras de carne por ex., leva quatro ou pouco menos.

—Aspirante!....

—Qual aspirante, capitão!

Chame o muxingueiro e mande tanger á laca esses ladrões todos!



—Eis ahi porque dizem que os liberaes são anarchistas e desordeiros.

—Porque?

—Pois um dos quebradores da ta-boleto do consul dos Estados-Unidos não diz que é liberal?

—Quem?

—O Mattos Lucena.

—Quem disse?

—Elle no «Diario» de hoje 23.

—Vejamos.

Xi! estirou-se!

Assim, liberalão dos diabos!

«E' chegado o tempo para o Brazil, o terceiro imperio do mundo, o maior de ambas as Americas.»

Assim damnoso!

—Olhe que «sinhô» Mattos tem cousas!



—Vê os padres como estão furiosos contra o «homem em mangas de camisa»?

—Não.

—Veja o «Patriota».

—Não é o «Patriota»; é o «mercúrio» do «Patriota».

—Eu não sei que ligação tem conservador com «jesuita».

Como são hypocritas!

—Estes padres porque não se envergonham antes dos actos maus que praticam?

Ahi está a cathedral, em que, quasi todos os domingos, não ha missa e quando ha, não apparecem os musicos.

—Mas musicos não são padres.

—Mas os padres dão o exemplo; si não faltassem os conegos, não faltariam os musicos, seria menor a relaxação!

—Homem, cale-se; lembre-se do padre Ayres com a excommunhão...

—Ave Maria! Ave Maria!

—Suspensão do codigo.

—Não é novidade; o *progresso* assim o manda.

—Não é codigo commercial, não, critico danninho; é codigo civil.

—Está em projecto; com contos de reis ao Dr. Teixeira de Freitas custou. Que houve então?

—Nova maneira de cobrar dividas.

—Qual?

—Um alferes, morador em Santa Anna, alugou um quarto a uma preta que ficando-lhe a dever quiz mudar-se. Elle porém penhorou-lhe os trastes e uma mulatinha filha da preta não obstante 8\$000 rs. que ella entregou.

—Diga-me já o nome do meliante.

—E' cousa que não posso fazer, capitão; jurei por santo *Astolpho* que nem a meu pae diria.

—E' o que te vale, tratante, sinão mettia-te n'um *cesto*!

—Sr. escrivão dos *juros*, peço-lhe um favor.

—Qui... qui... que é?

—Leia isto.

—Não sou «leirão», ja lhe disse.

—Pois peço-lhe que não continúe a demorar os papeis dos presos que ja campriram sentença, retendo-os assim na cadeia.

—Não me dão dinheiro, Sr. !

—Tomo lá este «pinto» que tem o valor de 480 rs.

E por seu «barrete», lhe peço, não

seja tao mau, condôa-se daquelles infelizes.

A PEDIDO

—Capitão, que vulto é aquelle?

—He uma *bicuda* dos Ossos.

—Como se chama?

—Paulina das bombas.

—O que faz?

—Conveniencia propria, rasão de estado.

—E quem mora alli?

—O Maneca de S. *Alves*.

Capitão, mande o muxingueiro metter no porão a angolla das bombas.

—Xentes, quem é aquelle?

—E' um moço valente, a quem chamam *valentinho*.

—Em que se emprega?

—Si não é, já foi caixeiro.

—Pobre moço! anda de lucto!

—Por isso é que tens pena?

—Não, pelos desfructes que está dando, Pombinha.

—Explicas, minha Sussú.

—Namora, como caboclo.

—Aonde? em que rua?

—Rua das Laranjas.

—Si o conhecesse, dava-lhe um conselho.

—Por isso indago.

—Pobre asno! coitadinho!

—Que dama é aquella que está alli no bilhar *d'Agua das Crianças*?

—E' a «dona da casa» do proprietario.

—E aquelle taful que lhe dirige finenzas, quem é?

—E' um primo supposto da mesma que como tal encartou-se em casa e vae passando vida folgada e milagrosa.

—Que marreco! Como se chama?

—Libaninho.

—Que tal é o Sr. Libaninho! E o pobre velho é quem aguenta o peso da buxa.

Por S. James!

**Ao vate borracho dos paschins
à laia de soneto.**

PARODIA.

Que intriga do diabo, ó *Santo Antonio!*....
Si elles fossem tambem p'r'o *Maranhão*;
Si, como eu, nunca mais vissem *mamaô*,
Fructa que aqui plantou povo *laponio*; (a)
Si elles vissem do *desterro* atroz *demonio*
Transformado em feroz velho *leitaô*;
Si fossem de *Nugé* qual meu *irmaô*,
Que, quer queiram quernão, é vil *bolonio*; (b)

Então não diriam que era *vasto*
O campo em que se espoja como *zote*
Quem os convida p'ra comer ao *pasto*.
Mas ah! reparo agora pelo *cote* (c)
Que o tal poeta, nos insultos *busto*,
Quer-me *vacca* fazer, sendo eu *garrote*.

O *Feijuda*. (d)

Sr. redactor. — Por me constar que o porteiro do consulado tem espalhado, que fui eu quem mandou publicar o requerimento assignado por Capinin de Capiú, queiram V. declarar, si tive parte alguma em semelhante escripto. Bahia 23 de novembro de 1864.

ARNALDO GENTIL IBIRAPITANGA.

(a) O *Patriota* diz que *laponio*, podendo ser *cigano*, *tratante* e *bebado*, não pode ser gente da *Lapinha*. E' um erro de historia, meu De; os *ciganos*, á cuja raça pertenco, e que são *beitados* e *tratantes*, si hoje não estão, estiveram *acastellados* na *Lapinha*.

(b) Não sou tão *besta*, como pens; *bolonio* não é *bahiano*, mas ha muito *bahiano bolonio*, por exemplo: quem tem *rabo* de palha e falla dos outros; o que é realmente *uma sandice*.

(c) Não significando somente roupa diaria, significa *cousa dura*, como diz o *Patriota*, *pedra de amollar*. tirem a conclusão.

(d) Não assignei-me da primeira vez, porque julguei ser conhecido pela baba *peçonhenta*.

Não tomos a honra de conhecer a S. S., pelo que é impossível que de S. S. recbessemol-o.

A REDACÇÃO.

**THEATRO
DO PRINCIPE DOS APOSTOLOS.**

Sexta feira 23 de Novembro.

ESTREA DA DISTINCTA ACTRIZ
MARICAS LEOA,

Em beneficio de sua filha e seu genro.

Subirá á scena o bello drama em tres
actos:

Céu e Inferno.

Haverá poesias, toques de rabeça e
corôas nunca vistas.

Finalisara o spectaculo com a chis-
tosa comedia:

O CORONEL ME CONVIDA,

Em que tomam parte «*sutricas*»,
cascabulhos, calouros e reprovados.

Principiará ás 8 horas.

ANNUNCIOS.

— Vae ao paço do Saldanha?

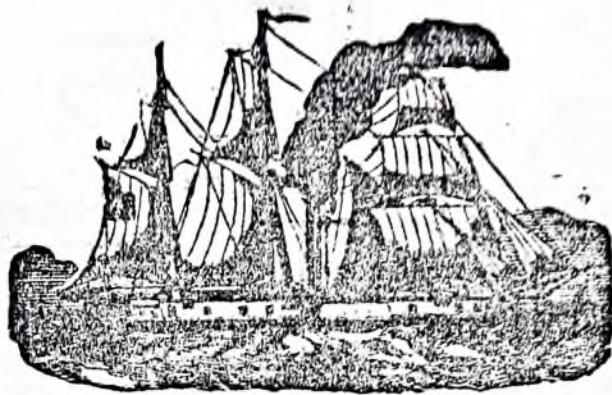
— Vou.

— Peça ao José para dizer ao *Bonifacio* que vá pagar os 4\$40 ao *Caes Dourado* n. 73.

Pede-se ao Sr. *Antonio* que morou em *Silvas* e depois em *Lisboa* que vá pagar 28,760 que deve ao *Caes Dourado* n. 73.

Roga-se a um Sr. agente militar a bondade de mandar pagar a quantia de 7\$880 rs. que deve de verduras que se lhe abonou para o rancho de um batalhão. Isto pede-se antes que se va daqui um batalhão de linha, pois que a ser depois muito prejudicará

Ao caloteado.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª

BAHIA 26 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 149.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 17 rs. por serie de 10 números, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronópolis, bordo do «Alabama» 24 de novembro de 1864.

Officio á camara municipal, ainda uma vez chamando sua attenção para o estado em que se acha a rua de Baixo de S. Bento, proveniente do despejo d'agoas que fazem da coxeira do Sr. Ariani, o que, além do estrago em que se acha a calçada, damnifica a saude dos moradores daquela rua.

—Ao Sr. subdelegado da Penha, pedindo-lhe providencias sobre as patrulhas dessa freguesia que depois do toque de recolher não são encontradas, sinão a dormir nas varandas e na ponte dos vapores, tendo sido antes vistas em badernas pelas vendas.

Ainda um destes dias, ao reprehender uma um inspector, os guardas prenderam-no á ordem do chefe de policia, sem quererem leval-o á presença de V. S. como o exigia o inspector, isto depois de insultal-o em muitas vozes.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que faça tapar um enorme buraco que ha no alto da ladeira das Veronicas, o qual está reduzido a despejo publico, despeza essa que será carregada em conta da camara municipal, para pagar quando tiver dinheiro. Cumpra.

—Malacachias anda dizendo que quem não estiver com elle está comprado.

Disse que o mandaram injuriar.

—Ora Malacachias injuriado por outro! Malacachias, a injuria em pessoa! Pelo amor de Deus!

—N'uma cidade que tem o nome da em que nasceu a Virgem Maria, havia um cura d'almas que as allumava com *brandão*, a simillhança do que fazia em certo tempo um *ferreiro* de nome Antonio Gomes.

O bom do homem, charidoso naturalmente e por dever, *protegia* a duas irmãs, em cuja companhia vivia e tambem a uma porção de crioules.

tas, todas suas *confessadas*, que com o seu auxilio povoaram uma ilha deserta.

Era porém incantado, e transformado em *tubarão* fazia da estrada mar e devorava a quantos peixinhos e até peixões lho figurava passarem.

Voltando ao estado natural, baptisava urubús e fazia-os administradores d'um estabelecimento de *meninas* que criou ou fundou.

Gostava muito de quitutes e cocada que lhe preparava a Janoca e a Chica.

—Cale-se! Fizesse lá o diabo, que ha de novo?

—Que ha? é que é um patife que deve ser conduzido ao porão.

—Como é facil! Não se lembra que é padre, gente com quem não se brinca?

—Ah! é verdade, a excommunhão.



—Amigos, sentidos! Resuscitou *Napoleão*! E já tem feito conquistas. Não nos dominios de Marte, mas nos de Cupido. Em vez de aguias pombas! A aguia é elle que devora as pombas. Tres de paneada. . . .

—Que enigma é este?

—Veja si o decifra com esta explicação: elle é francez.

—Que novidade!

—Foi frade de S. *Francisco*.

—Diabo!

—E' pintor.

—E começava a retratar pombinhas e *engolil-as*, depois que ficava com o retrato.

—Então o diabo do conquistador, em vez de lanças, broqueis, espadase peças, usava de palhetas, pinceis e brochas?

—Usava!

—Si resuscitou?

—Então, aspirante, mande o mungueiro ver o tal ourangoutango, que dizera-me, está refugiado nas montanhas de *Bautz*.

—Que terra é essa, capitão?

—E' a dos velhos devassos.

—Ja, capitão.

—Não sei donde nasce a insubordinação de certos soldados de policia!

—Das duas cabeças.

—Que monstro é esse?

—E' o corpo de policia.

—Explique-se.

—As duas cabeças são o tenente coronel e o major, um ligueiro, outro vermelho, um faz outro desfaz.

—Mas que tem isso?

Ignoro; que é certo e que o corpo está dividido em dous partidos; os vermelhos (guardas) desprestigiam os subdelegados ligueiros, deixando de cumprir suas determinações e de prender a sua ordem.

—Vae bem o negocio; andar assim é que é bom andar, é andar de progresso, realmente.



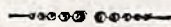
—Está preso o Chico Carteira! furtou uma carteira do bolso daquelle moço.

—Quem lhe disse que elle é o Chico Carteira? E' meu compadre, mora comigo, homem honesto, serio, probo!

—Bem servido! Pois olhe meu Dr., não lhe acredita a companhia; peço-lhe que nunca mais diga que é seu compadre.

—Ila de provar em como é elle o Chico Carteira.

—Dr., para que esta renitencia de «seixo»? Juro-lhe por S. «Domingos» que é elle.



—Viu o «Brado Nacional» de Pernambuco?

—Vi; tracta da nacionalisação do commercio a retalho.

—Utopia!

—Diz que em Pernambuco tudo é portuguez, até o presidente da camara, até o presidente d'assembléa!

—Isso é o menos; ja tivemos presidente de provincia e até imperador portuguez.

—E a «Ordem» leu?

—Papel (falle quem quizer) papel importante; é a franqueza e a indignação alçadas contra os ladrões, quem quer que elles sejam.

—»»» «««—

—Festa de N. S. do Parto, ao domingo, nos Afflictos.

—Não falle em patacoada.

—Mas ha muito folgado.

Dizem que ha mais de tresentos ba-
lões, só na vespera.

—Rapazeada, avança!

Que lindo spectaculo que ha de ser!
ulo no ar que linda constellação!
que effeito magnifico para quem ficar
de baixo!

Avançem, rapazes; preparem-se pa-
ra ficar de boca aberta!

—»»» «««—

—O parecer sobre as aguas do Quei-
mado ha de ser um monumento sci-
entifico.

—Porque?

—Não viu o Dr. Virgilio como man-
da o «padre Amaro» estudar a materia
para fallar?

—E a graça é que vamos bebendo
as taes aguas, em quanto elles se en-
chem de vento com sua sciencia e seus
palanfrorios.

—Mas darão por um fim um pare-
cer, obra prima, *chef d'œuvre*, como
dizem os francezes e afrancezados.

—Eu estou esperando; é tanto pre-
sumivel quanto elles ainda não satisfi-
seram á reclamação do presidente.

Havemos ver, havemos ver,

—»»» «««—

—O «Jornal» está zangado porque

suppõe que o presidente censura a ca-
mara por deleixo.

—Pois não tem razão; ao menos
nunca vi tanta falta de limpeza; ahí
está porque o outro fallou dos fardos
sem nome. E além disso e das bocas
de lobo, tudo quanto é animal podre
vive pelas ruas: no Terreiro gallinhas,
no Caminho Novo cães e g los, na rua
dos Adobes cães, na ladeira do Carmo
gatos, n'Agua de Meninos um BURRO
com as tripas na rua, e mil outros bi-
chinhos em mil outros logares!

—Tenha paciencia, meu charo;
breve temos chuva, e faz-se então a
limpeza.

—»»» «««—

—Minha senhora, queira ter a bon-
dade de mandar-me dar um garfo.

—Patife! minha mulber é tua cria-
da?! que desaforo! Vae buscal-o á co-
sinha si o queres!

—Alto la, Sr. bregeiro! V. com
seus *calombos* não me mette medo!

Sua criada é quem tem obrigação de
trazer os talheres para a meza.

Veja que desaforo de carcamano!
Um malcreado que por me ver po-
bre e precisando de ser seu caixeiro,
manda-me ficar retirado delle á meza,
maltracta-me de continuo, dá-me pão
sem manteiga e noga-me o talher!

Como este *lazzaroni* comia a gada-
nho quer por-me no seu costume.

Mas não, juro-lhe por S. Gustavo,
que aqui mais não fico.

—É sê vossè quer ir, vae.

A PEDIDO

**Da-se quatro duzias de bollos a
quem resolver este papinho a
comer arroz.**

Pede-se encarecidamente a certos
moços que moram na Barroca, paren-

tes de uns brancos ricassos do alto do Ló, que cessem as pedradas deixando em paz seus vizinhos, «bem como um V» Não queiram manchar a raça branca e apurada de seus pombos cabelleiras, tão limpa, com pombos bifados embora brancos pela apparencia somente.

Seus pombos são conhecidos pela descendencia preta de seus avós; gosa a regalia de mestiça por parte do pombo chitão, a pombo cabeça preta.

Assim pedimos não só aos moços ad barroca etc. como também aos seus brancos parentes, ricassos do alto Ló, que deixem á apreciação do publico conhecer a qualidade e descendencia de seus pombos bons e de raça branca; porque papel é branco e varia .. gallinha preta põe ovo branco: logo... creio que... me intendem.

O surdo e mudo mas que vê.



O abaixo assignado pede a redacção do *Alabama* que declare si a roupa que dizem foi emprestada a um alfaiate e pertence ao theatro de S. João.

Querino Antonio do Espirito Santo.

Ignoramos.

A Redacção.

EDITAL.

Os representantes do partido conservador nesta cidade por ordem do grande consistorio dos Cardiaes da corte, declaram a seos conf ades, que está suspenso e sem serventia, em quanto elles não sobem ao poder o *dogma* — antigo consistorio *sagquarema* do *Respeito a' authoridade* —

Mandam por tanto, que os seus confrades usem de todos os nomes e termos *indeentes* contra os que governam, por ora, aidda os de *calumnia xingamento* de que são tão devotos.

E finalmente ponham em execução o *manejo de indemnizar a*

resistencia, que elles tanto combatem quando estão de cima.

ANNUNCIOS.

THEATRO DO SERAPHICO PINTO.

FAMILIA LEITE,

celebres campunologos portuguezes.

Bahia 25 de Novembro.

Depois da orchestra intitulado — Hei esfregal-os — executar a celebre

Polka dos Calculistas.

Subirá a scena pela primeira vez o magnifico drama em 3 actos, original portuguez:

O dedo de Deus

ou o

FILHO AMALDIÇOADO PELO PAE.

No intervallo de segundo acto o chefe da — Familie Leite — executará sobre uma mesa a predilecta walsa

Os Murrinhos.

Depois da orchestra o Sr. Condeixos por obsequio ao Sr. Leite executará no flautim a bella variação de sua composição:

OS ANTROPOPHAGOS.

Seguir-se-ha a representação da muito jocosa farça:

VOSSÊ NAÕ SABE GRAMMATICA.

Terminará o spectaculo com a repetição da muito applaudida comedia em 1 acto, composição do filho mais velho da familia Leite:

A PANCADARIA.

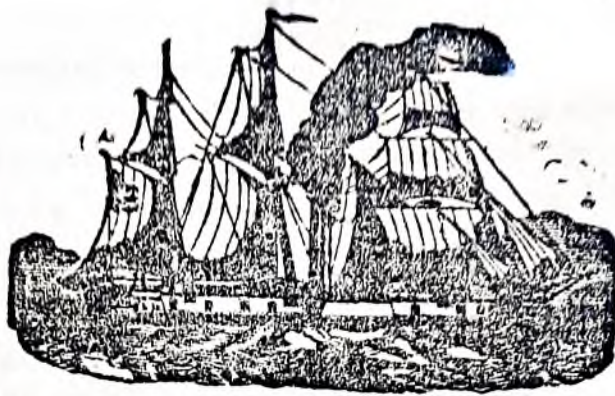
Começará ás 9 horas e 1/4.

Ensaia-se o apparatuso drama ornado de musica:

A historia de um concurso.

Pede se a certo *melodioso* cujas iniciaes são M. † M. a bondade de ir pagar seu debito ao Caes Dourado n. 73,

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E. C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª

BAHIA 29 DE NOVEMBRO DE 1864.

N.º 141.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n.º 17
à 15 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 28 de novembro de 1864.

Officio á camara municipal participando-lhe que na Barroquinha, junto á igreja, ha um buraco de tres braças de profundidade que communica com o cano real, e que se acha aberto para fazer alguma victima; visto que tendo uma tampa de pedra que quebrou-se, teve depois uma de pau, por ser talvez mais forte, a qual foi contudo ao fundo.

—A' mesma, para que mande seus fiscaes retirarem os cães mortos que ha pelas ruas, principalmente um que se acha á ladeira da Misericordia, outro ao Terreiro, outro á rua dos Adobes.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que ha na rua que tem *barris*, ao entrar da que *dá cocos*, uma caza em que são diariamente castigados os escravos com dez a doze duzias de palmatoadas e vergalhadas em hora tenham de idade seis ou sete an-

nos, acontecendo que sahem para 'a rua no maior desespero e agitação, a dar com os braços, a estorcer-se, a sacudir as mãos entumescidas, a provocar piedade a quantos os veem.

—Ao Sr. Dr. inspector da saude publica, para que de combinação com a camara, mande dessecar uma lagoa que ha no beco do Oratorio dentro da casa que fica fronteira ao portão do do mesmo becco, e que tem occasionado febres por aquellas visinhanças.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que os «badernistas» que ultimamente pareciam querer dar alguma tregua a essa freguezia, recrudesceram neste ultimo sabbado e «pintaram a manta», havendo até defronte da propria porta de S. S. cacetadas e cabeçadas.



—Ahi está porque dizem que Deus fez bem em não dar azas á cobra.

Si eu fosse poeta tinha feito uma

excellento poesia á infausta morto do distincto poeta brasileiro, o Dr. Gonçalves Dias.

—A vontade tambem consola.

—Mas em todo caso cumpro meu dever, despertando.

Si não immortaliso, concorro para que seja immortalisado o Genio.

—Viu, no *Jornal os intimos* da presidencia?

—Vi; é um quadro traçado por mão de mestre.

—E' que o sujeito intende da cousa. Gato ruivo do que usa, nisso cuida.

—«Ha amigos que compromettem as causas.» Estes são peiores que os paschins. O «Liberal» por exemplo compromette o Sr. presidente. Pede assignaturas em seu nome, diz que a gazeta é delle, e dá opinião sobre a agua do Queimado, antes da commissão opinar, antes do presidente decidir.

—Deixemos isso e vamos ao Queimado; que ha de novo?

—Oh! o «Liberal» diz que tudo é intriga....

—Intriga porque são amigos do Sampaio Vianna.

—A companhia não quer por ora discutir.

—Qual discussão! E para que?

A agua em um copo coberto ficou cheia de bichos, no pequeno espaço de 24 horas; experiencia feita na cidade baixa.

E depois a cor.... Sr. Dr. Virgilio me ensine como é, a opacidade, o pé que a agua tem, o pó que apresenta!

—E o gosto, e o peso.

Contra factos não ha arguments.

—Mas, tornando ao «Liberal» deu tambem opinião contra o theatro, sem a commissão dar parecer.

—E' de caza, não faz mal,

—E quer privilegio de interramentos para a futura companhia das machambombas.

—Isto era o menos; a graça é querer elle que haja nova nomeação para examinadores de preparatorios, porque não foi nomeado algum engenheiro, que não pode por tanto lucrar pelas serias.

—Maganos! quem os não conheço que os compre, liberaes de meia tijella!

—Hei de salvar o Chico Carteira. Eu lhe mostro!

—Hei de meltel-o na cadeia.

—Supplente não pode fallar com effectivo sem lembrar-se do futuro.

—Foi o que succedeu; o effectivo «coronel» tomou posse «ad hoc».

—Que diabo de relações tem *Chalacha* com *Carteira*!

—Por S. Lourenzo lhe juro que ignoro.

—Não vê alli aquelle liberalão?

—Quem? aquelle velho «cosinheiro»? taboqueado renegado?

—Aquelle intitulado «rei da chymica».

—E com effecto faz muita CHYMICA. Pois não transformou agua do chariz «em jarros e bacias de prata»!.

—Aquella cabeça calva mostra que elle é um grande talento... um talento...

—Ha muita gente por ali que quer fazer dos outros tollos.

—Pois olhe, a mim só engana quem eu quero.

Mas porque diz isto?

—E' para ver si *alguem* me comprehende.

—Não creio.

—Croia ou não creia, está em letra redonda.

Esi eu dispuzesse agora de espaço, mandava publicar o protesto por inteiro.

Querem reviver o tempo dos *Ruivos!*

—Não admira que a typographia do Borges da Fonseca em Pernambuco levou o diabo, e a do Guedes aqui.... quasi, quasi.

—Ehã de dizer que estamos n'uma terra civilisada.



—La está no Caminho Novo do Taboão uma pobre preta a morar entre as immundicias que decoram os pasteiros!

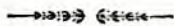
—Bagatella!



—Pois não vê que desaforo!

—Que foi?

—Dous penicos juntos á porta da camara n'uma boca de lobo!



—Malacachias!

—Senhor!

—Defendes uma causa nobre, a da liberdade; mas certos advogados só servem para perder as causas.

Basta saber-se que és tú o advogado, para acharem nisto um MYSTERIO? Ah! La cousa. Que diz?

—Alma do padre João Thomaz, inspira-me!

(*Continua.*)

A PERDIDO.

A certo sujeito que vive «depositado» na «Conceição»

OFFERECE O SEGUINTE:

Taverneiro que namora

Sem se importar da bodéga,
Namoro, venda e juiso
Vem o diabo e carrega.

(Extr.)

O MUXINGUEIRO DO ALABAMA.

EDITAL.

Os representantes do partido conservador nesta cidade por ordem do grande consistorio dos Cardeaes da corte, declararam a seus confades, que está suspenso e sem serventi, em quanto elles não sobem ao poder o *dogma* do antigo consistorio *saquarema* — *Respeito a' authoridade.*—

Mandam por tanto, que os seus confrades usem de todos os nomes e termos *indecentes* contra os que governam, por ora, ainda os de *calumnia* e *xingamento* de que são tão devotos.

E finalmente porham em execução o *manejo* de *insinuar a resistencia*, que elles tanto combatem quando estão de cima.

ANNUNCIOS.

Sr. «Zuza» Antonico morador no «ribeiro» de «Braga», domiciliario da «Fonte» das «Pedras», porque Vm. não quer pagar ao Refinador do Caes Dourado n. 67 o assucar que de tão boa vontade lhe fiou, assim como ao homem da venda na mesma rua n.º 73?

Vende-se a posse ou armação de uma venda ao Pelourinho, esquina para as Portas do Carmo; para tratar, na botica á paderia do Carmo.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E C.

—Os «liberaes» querem o exclusivismo.

Estavam hontem, nos Afflictos, a accusar o ministerio por que mandou em commissão ao Rio da Prata o conselheiro Paranhos!

De sorte que um «vermelho» não é Brasileiro!

De sorte que se ha deixar uma pessoa habilitada para mandar algum «afilhado» comprometter a nação!

—Mas quaes foram os liberaes?

—Pergunte ao Gustavo que os conhece.

—Diga V.

—Nem por S. Paschoal!

—Pois então vou perguntar ao Dr. Souto.

—Provavelmente elle não sabe.

—Então é mentira sua.

—Mentira! Chegaram a dizer que só faltava o ministerio nomear para presidente o Manuel Felizardo. . . .

—Certo homem muito conhecido nesta terra, e que quando escreve gazeta ou conversa só traz como grande moralista «o Seculo»—queira fazer o favor dizer-me o seguinte:

Ja leu o «Seculo», ou falla nelle por ouvir fallar? Si ja o leu, não lembra-se do «padre João»? Si lembra-se, porque tanto falla em paschim?

Não seria melhor não offender os afieitados com indiscrições e asneiras?

Creio que sim; ao menos assim o aconselha S. Cyrillo.

—Ora este correio!

—Si o contador está na politica! . . .

—Pois não mandou para o «Alabama» jornaes que vieram para o o «Progresso», «Jornal da Bahia», «Brazil» etc!

—Si fosse só isto! . . . , era compensação: quantas vezes os outros de ca andarae por lá!

—Foi hontem preso por um estrangeiro um guarda policial que o queria espancar por *estar nos prazeres*; levou-o á caza do subdelegado que não estava, mas que tendo noticia mandou chamar o estrangeiro para os *campos*, onde se achava a gozar delicias e prazeres, comendo diversas fructas, especialmente *limas* de que muito gosta.

—Valha-me S. Pedro!

De sorte que foi-se livre o guarda...

—Provavelmente; o estrangeiro não attendeu ao chamado, pois que estava em caza da authoridade.

—A «Ordem» noticia que o arcebispo da Bahia abriu chryisma no dia 6 do corrente, *somente para as pessoas ricas*.

—Mas foi por ser a igreja pequena.

—E porque não procurou um templo com maiores proporções?

Não sei; Christo pregava o desprezo ás riquezas, e os nossos padres que se dizem seus representantes, gostam de gente rica!

—E' que o mundo hoje anda ás avessas.

—Ha de ser isso.

—Recebi do Maranhão um protesto dos Srs. Cascaes, em forma de supplemento ao «Porto Livre», jornal de sua propriedade e em sua typographia publicado.

—De que tracta?

—Não sabe que foi sua typographia arrombada e quebrada?

—Não.

—Pois é velho. No seu protesto que principia assim:—Perante o governo, a imprensa livre e independente e o paiz—dizem elles que o crime é imputado pelos jornaes e pela opinião publica á policia e ao promotor para servirem ao bispo.